

RIL

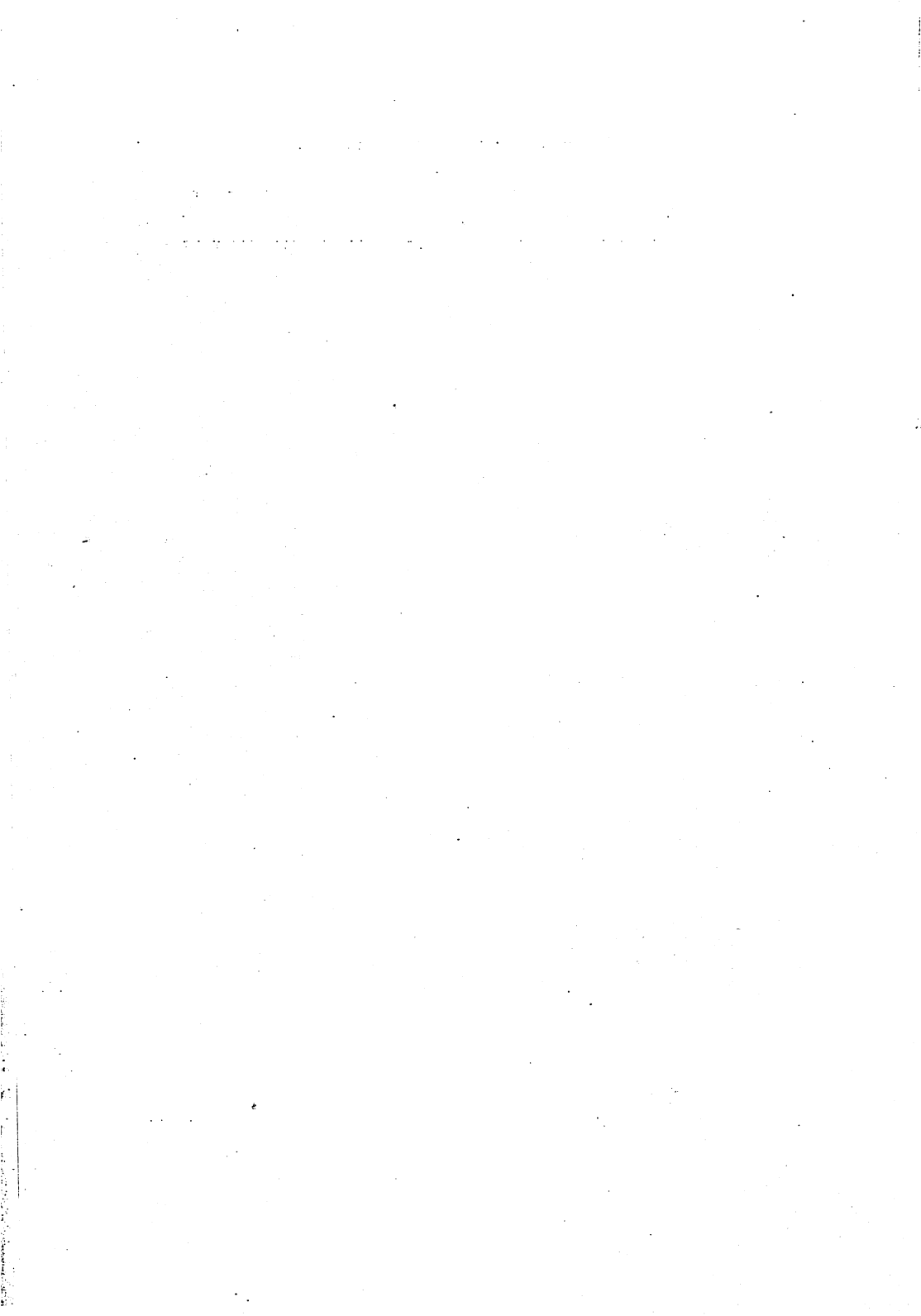


revista literária

6

revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**



NOVEMBRO DE 1971 * ANO VI — NÚMERO 6

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

DUÍLIO GOMES

WALDEN CAMILO DE CARVALHO



CIDADE UNIVERSITÁRIA — BELO HORIZONTE
MINAS GERAIS — BRASIL



ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

Imenso, Cego, Brutal — <i>Edgard Pereira dos Reis</i>	9
Vocês Ainda não Viram Nada — <i>Jaime Prado Gouveia</i>	17
Uma Vez no Sótão — <i>Sandra Lyon</i>	25

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

Daqui a Dez Anos — <i>Edgard Pereira dos Reis</i>	31
O Velho, de Partida — <i>Sandra Lyon</i>	37
Ronda — <i>Maria das Graças Silva</i>	40
Referência — <i>Oswaldo Antônio Ferreira da Cunha</i>	44

CONCURSO DE POESIAS

Perspectiva Sobre o Dentro de um Retrato — <i>Adão Ventura Ferreira Reis</i>	49
Poema da Inútil Utilização — <i>Maria Auxiliadora Rocha</i>	51
Imagem Simples — <i>Luiz Otávio Linhares Renault</i>	56

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

Cisne — <i>Ana Cecília Carvalho</i>	61
Fase I — <i>Maria Alice Martins Alves Costa</i>	62
Poema das Instituições — <i>Adão Ventura Ferreira Reis</i>	67
Imagem — <i>Léa Nilce Mesquita</i>	69
Ode nº 1 — <i>Maria Consuelo Neiva Pôrto</i>	70

SEGUNDA SEÇÃO

POESIAS

Âncora ou Diálogo em Profundo — <i>Ronald Claver</i>	77
Vôo — <i>Ronald Claver</i>	79
Oração — <i>Fernando Sant'Anna Rubinger</i>	80
Relação — <i>Eliana Nehmy</i>	82
Duração — <i>Eliana Nehmy</i>	84

CONTOS

A Heresia — <i>Walden Carvalho</i>	87
Trilogia com Máquina a Vapor, etc. — <i>Duílio Gomes</i>	91
Dos Velhos Papéis — <i>Plínio Carneiro</i>	95

ENSAIO

Pequena Introdução ao Romance Gótico — <i>Walden Carvalho</i>	107
--	-----

ESPECIAL

A Assistência Total: "Mendes Pimentel" — <i>Maria Beatriz Chaves Araújo</i>	121
---	-----

RELAÇÃO DOS TRABALHOS RECEBIDOS

Contos	126
Poesias	128
Publicações	135
Críticas	136

AGRADECIMENTO

A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais tem recebido, através dos anos, apoio de inúmeras Unidades e órgãos da UFMG; dos professores, alunos e funcionários da Universidade; da imprensa brasileira e dos meios culturais do país e do exterior.

Este ano, uma nova colaboração se somou: a da Fundação Assistência aos Universitários Mendes Pimentel, entidade que vem desenvolvendo amplo programa em benefício dos alunos. A "Mendes Pimentel" foi quem ofereceu os prêmios aos ganhadores dos concursos de contos e de poesias.

E um agradecimento especial se impõe, agora que a REVISTA LITERÁRIA chega ao sexto número, a todos que participaram e participam de sua realização, principalmente à Assistência aos Universitários Mendes Pimentel, pelo incentivo que deu aos estudantes.

A COMISSÃO

RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS

IMENSO, CEGO, BRUTAL

GREGOROVIVS

EDGARD PEREIRA DOS REIS

Faculdade de Letras — 4º ano

Entrou no passo calmo. Na verdade não queria entrar naquele bar, não queria falar coisa alguma. Ajeitou debaixo do braço os bilhetes de loteria, encolhido no arrependimento do que falou.

“Federal!”

Do fundo um rapaz magro e olhos vivos, comprimindo a timidez na camisa de manga curta, pediu mais um chôpe.

“Para amanhã?”

O vendedor aceitou a cerveja e disse que era para amanhã. Amanhã era sábado. O rapaz ia ficar com um bilhete, podia ter sorte e não custava tentar.

“A vila tá ficando cada vez mais sem graça”. A voz era segura, diferente de momentos antes, soletrada e frouxa quando entrou sem querer, querendo esquecer que estava ali como vendedor. Sentou-se ao lado.

“Se estou cansado?”

Tomou um gole confirmando e com as mãos começou a desenhar no balcão o trajeto do dia: às sete da manhã passou na padaria em frente da igreja, viu as pessoas sérias, passou pelos cafés e mal o morro da Urca ganhara o vermelho das seis horas, já tinha cruzado tôda a Vila Isabel. Enquanto falava, tinha o ar de moleque que estivesse dizendo algo sério

como se não quisesse. Conseguira um movimento melhor que o dia anterior e apontava um ponto no balcão, perguntando se o rapaz conhecia a rua tal, o café "Nôvo Rio". Os conhecimentos.

"Se conheço a Vila inteira?"

O rapaz conhecia muito pouco: era do interior e só conhecia mesmo a rua do banco onde trabalhava. Mudou o tom da voz. E não sobrava tempo nem dinheiro.

"Oito anos de banco e porque não puxo saco de ninguém nunca fui promovido. Sabe que gerente de banco não gosta de estudante?"

O vendedor segurou os bilhetes nas mãos e olhou estranhando porque o rapaz parecia ser quieto, do tipo que não gosta de conversar. Olhou querendo dizer que gostava de ouvir aquilo, que era assim mesmo, só que no seu caso preferia vender bilhetes na rua, não tinha que dar satisfação a ninguém.

"Fuma?" — o rapaz estendeu o maço de Hollywood com filtro.

Queria aceitar um cigarro dêle.

"No banco só converso com os contínuos".

"E tem pessoas que oferecem bilhete e nem olham, fazem que não escutam. Tem outros que explicam que não tem sorte, que não adianta, essas coisas."

"Um dia vou deixar êsse banco, vai ver" — os olhos do rapaz brilharam

"Adianta não; a gente tem é que fazer jeito de gostar". O vendedor ia continuar quando um tipo gordo entrou apressado, saboreando entusiasmado o que dizia. Era uma declaração:

"Eu te amo, Vila Isabel."

As palavras ficaram soltas no ar, paradas. E um susto tomou conta dos dois. Imenso. Cego. Brutal.

"Até certa altura vim de ônibus; perguntei ao trocador: êsse ônibus passa na Vila Isabel? disse que passava perto



e vim de ônibus até onde pensei que era a Vila e aí saltei. Na rua cruzei com um rapaz, perguntei se ali já era a Vila, êle disse que precisava andar uns seis quarteirões. Então vim andando e no caminho pensando que ia falar quando chegasse. Estava agradável e decidido: no primeiro bar ia dar um viva à terra de Noel Rosa."

Os dois não se alarmaram. Depois de um olhar para o outro desviaram os olhos para o gordo, mas não comentaram nada.

"Êste é um lugar histórico" — o gordo falando na direção dêles.

O vendedor começou a cantarolar mais para si mesmo que para outra pessoa ouvir; um menino puxando um rato pelo barbante caminhou para o balcão.

"O rato vai sambar agora" — o vendedor conseguiu o rato e por alguns instantes começou a dar voltas no bar. "E quem não sabe que aqui é Vila Isabel?"

"Uma coisa é saber, outra é dar valor" — o gordo sentia-se ofendido.

"Noel freqüentava a Lapa, o Bola Prêta, mas porque nasceu aqui badalam a Vila" — o rapaz procurava aprovação no homem da loteria.

"Êste rato amarrado no barbante também é importante."

O gordo estranhou a comparação e num tom hostil começou a elogiar o Rio, a cidade das belas praias e do samba e do progresso e olhem os viadutos, os túneis, um colosso, tudo um colosso. No fim estava autoritário: "Na base de tudo Noel. O grande."

A reação deve ter sido maior no estudante (era o mais vulnerável a qualquer tipo de autoridade); por isso o gordo-centro-da-circunferência, sim, êle falava como se fôsse o centro da circunferência do mundo e o encarava. O gordo olhou para a rua, para as luzes da rua. Os dois se entreolharam e compreenderam que havia uma identidade do gordo com aquelas coisas lá fora, concretas no tempo. O vendedor entre-

gou o rato ao menino que foi sentar-se, curioso, numa das mesas.

O gordo ajeitou a camisa dentro da calça e procurou a porta, os movimentos bruscos querendo dizer que não gostava dali, era demais suportar aquilo na terra de Noel. Ele deve ter pensado assim, ou não deve ter pensado em coisa alguma, tal a pressa com que deslumbrado sumiu. Ganhara a rua, as luzes, porque elas armazenavam seus sonhos.

De dentro os dois ainda o viram lá fora, encurralado entre a noção de que estava na vila das tradições e a noção de que aos poucos as pessoas iam esquecendo as boas coisas da vida. O ROSTO CONTRAÍDO, EXCITADO, NO MEIO DOS CARROS. LÁ FORA.

O vendedor pôs-se a soprar os bilhetes de loteria (e sua garganta engrossava) na direção da latrina imunda. Para isso fazia-se curvo, até que agachou-se completamente como um cachorro que soprasse fôlha seca no chão. Era mais de meia-noite: já era sábado. O estudante pediu mais um chôpe porque acreditava na sorte imensa, cega, brutal. Arrancou da parede o cartaz amarelo sorvete kibon que estava ao lado da cafeteira, servia para leque e podia ajudar o outro. E assim se divertia. O vendedor já suava a gotas.

“Acorda, homem.”

O rapaz achou que alguém podia chegar ou o dono do bar podia estranhar a posição dêle a soprar bilhetes no chão. Achava engraçado.

“Rosa também morre de rir das coisas que faço” — os olhos do vendedor molhados de rir.

“Quem é Rosa?”

“Minha mulher. Engraçado que eu tinha esquecido, comecei a conversar e esqueci dela.”

“Que jeito que ela é?”

O vendedor calou, coçou a cabeça e disse que parecia um anjo.

"Deve ser bom ser anjo, não precisa trabalhar no banco."

"Por isso que é bom?"

"Quem não acha? Vai ver que você gosta de trabalhar em banco. Nunca trabalhou e se trabalhasse também não ia gostar."

"É, quando conheci a Rosa contava as coisas que eu via porque a gente precisa andar muito. Contava as pessoas que via porque a gente fica conhecendo muitas e cada dia tinha alguma coisa engraçada. Ela gostava." E baixou os olhos.

"Quê que foi?"

"Nada não" — o vendedor respondeu meio reticente, queria dizer alguma coisa, mas não tinha coragem de olhar na direção do rapaz.

"Por que não fala mais sobre ela? Podia falar, eu gosto do jeito sério que faz. É como se não quisesse ficar e mesmo assim acabasse ficando."

O vendedor olhou bem no outro para ver se descobria algum sinal de crítica, sempre achava que os estudantes brincavam com o sentimento dos outros.

"De que jeito que ela é?"

O rapaz ouvia atento.

"Parece um anjo."

"Um anjo como?"

"Me acompanha quando ando nas ruas, tenho a lembrança dela, entende?"

Silêncio maior. O rapaz enfiou as mãos no bolso da calça lee, o frio da madrugada, curioso de entender, perguntando com a voz sumida.

"Se gosto dela?" O vendedor escondeu o rosto nas mãos, não precisava mais olhar o rapaz, parecia mesmo interessado. Levantou o rosto.

“É difícil não gostar agora” e baixou os olhos, a cabeça, concentrado. O rapaz se arrependeu de ter perguntado tantas coisas.

“Precisa falar mais não. Olha, se quiser falar, você fala, esquece que eu perguntei.”

“Não gosto de lembrar isso, dói um pouco. Inventei essa história de anjo, porque tenho certeza que tudo que faço ela vê.”

“Você brinca de puxar rato pelo barbante perto dela?”

“Essas coisas que fiz hoje não costumo fazer perto dela” e comprimiu os joelhos com as mãos.

O estudante viu os olhos dêle se iluminando muito e toda carga de criança assustada aparecer na pressa com que tirou uns papéis do bolso, viu um retrato encardido.

“Quando olho para ela tenho vontade de abraçar”. O homem da loteria olhava o retrato: “Quando falo nela tenho vontade de abraçar” — a voz pausada, mas sem temor e sem tristeza. — “É como as ondas que ficam calmas numa hora, um rio fica raso, parece que um sangue frio corre dentro do corpo.” Parou um pouco e olhou para ver se o outro prestava atenção. Prestava. Continuou: “eu fiz tudo, só que cheguei um pouco tarde, ela eu encontrei deitada e perguntei: você tomou alguma coisa? porque em cima da mesa estavam uns tubos de comprimidos abertos. Ela pediu que não saísse e ficasse, mas eu não podia, peguei ela nos braços e fui buscar um táxi.” O homem da loteria arranhou as unhas no plástico da mesa, mas no rosto continuava um brilho. Uma alegria.

O rapaz ouvia sem medo, sem desviar os olhos do homem magro à sua frente e agora notava maior fragilidade nêle. Não devia perguntar mais nada porque nada mais aconteceria aquela noite. Lá fora um grupo de homens de colête e mulheres agradáveis passou na rua. Deviam ser pessoas íntimas de Noel ou mesmo seus companheiros de feijoada. Quando o estudante voltou a olhar o homem da loteria já havia levantado e caminhava rumo das pessoas, dos homens de colête e das

mulheres agradáveis. Dava um vento de madrugada que balançava seus cabelos e varria definitivamente os bilhetes para dentro da latrina. O homem da loteria ia com seu anjo, impossível, caminhando lento, o anjo devia ter pés frágeis. A noite recolhera o barulho dos carros, o dono do bar cochilava diante do caixa e o rapaz levantou, dirigia-se ao reservado mas lembrou alguma coisa e caminhou até a porta, à medida que desabotoava o último botão da braguilha e enquanto desabotoava começou a escrever no chão a palavra sábado, as letras imensas, cegas, brutais.

Percebeu que logo o alcançaria, porque êle era nôvo e gostava de correr. Ia entregar os bilhetes, talvez êle tivesse esquecido.

VOCÊS AINDA NÃO VIRAM NADA

MUNHOZ

JAIME PRADO GOUVEIA

Faculdade de Direito — 4º ano

Olhem, prestem atenção: o trenzinho tinha acabado (mesmo que por um momento vacilasse, desse a impressão que com mais um pouco descarrilhar: e essa impressão porque ele tinha falado: nunca ninguém conseguiu tanta perfeição, ele vai funcionar como um trem de verdade, vai, vocês vão ver o que é um trem de verdade.) tinha acabado de vencer a primeira curva, a máquina fez que ia sair dos trilhos mas arrumou o corpo a tempo, reincorporou-se, firmou a luzinha que correu até a próxima curva e os vagões entraram do mesmo jeito, cumpridores, aquela máquina não tinha condições de falhar nunca. *Prestem atenção, esta máquina não vai falhar nunca.* E meteu o calcanhar no chão, a cadeira se entornou e ele riu aberto. *Não falha! São dois anos de trabalho, mas ninguém no mundo pode fazer igual! Olhem: só este painel ficou nuns dois milhões. E dois milhões porque o meu cunhado é representante da firma: essas coisas chegam pra ele toda hora, ele pôde facilitar pra mim. Isso fora a mão de obra. Esta laje, por exemplo, eu tive de mandar construir porque os outros cômodos são muito pequenos para poder armar os trilhos. Levou uns quatro meses. Quatro meses, tá? Mas ninguém mais pode fazer isto!* E esticava a mão até o maço de cigarros, tirava um, tamborilava sossegado, acendia e esticava os pés, trenzinho definitivamente correndo, dono dos trilhos, não descarrilharia nunca.

Era um grande sujeito, sabe? Um cara espetacular. Ele tinha nos chamado para ver o trenzinho, levou a gente até lá dentro e mostrou: devia ter pelo menos oito metros de trilhos, com dormentes e tudo, sinalização como estrada de ferro mesmo. Era só ir chegando perto de uma curva que a sirene berrava, o farol batia numa placa fosforescente e o sinal aparecia: curva isso, curva aquilo. Ele tocava os botões do painel, da forma de pianista, entende?, com os olhos pregados só nos trilhos, tocava os botõezinhos e o trem dava um breque, colava as rodinhas, e outro botão, no meio da curva, uma acelerada forte, ele passava firme, encorpava-se, o resto dos vagões entrava direitinho atrás, como se estivesse o tempo todo numa reta. *Ninguém pode fazer isto!* E era outro chute no chão, uma gargalhada e logo mandava a gente calar a bôca: *vocês ainda não viram nada!* Um grande sujeito. Nós ficávamos com as pernas apoiadas no assento do sofá, os pés quase dormentes e forçando a vista porque ele fazia questão de deixar luzes apagadas para os sinais aparecerem, as luzinhas, o farol, como um trem andando na noite. Tinha montinhos feitos à margem dos trilhos, *isso é assa-peixe, isso é capim-gordura, tão vendo?* E era mesmo. Nem olhava para ver se estávamos acreditando. O trem deixava fuligem nos matinhos, ele via isto no momento em que deixamos de levar o negócio na brincadeira. Foi quando veio o primeiro medo. As coisas que ele estava vendo e a gente achando muito engraçadas eram a pura verdade. Não porque fôssem verdade, mas porque, de uma forma que de repente pressentimos, faziam uma realidade dura demais para ser desmentida.

Ele dominava aquilo com uma firmeza que nos assustava, os dedos tocando os botões nas horas certas, o trenzinho irrepreensível, tonteando a gente. Parecia mesmo que estávamos no alto de um morro, no meio de uma noite e, de repente, da bôca do túnel de musgo e papel-lixo, a faixa de luz dava um tiro e iluminava até o outro lado da parede. Acreditamos, vimos, era verdade! O barulho subia forte, o silêncio de meio mato, um ruído de grilos, cheiro de malas de couro, de mau cheiro de passageiros amontoados e meninos com o nariz pre-



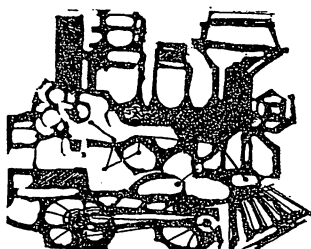
Valéria Guimarães
71

gado na vidraça perguntando se faltava muito ainda para passarem numa ponte, num túnel. Então êle levantava os olhos, sem virar a cabeça, certo, e conferia no rosto da gente que aquilo era uma coisa muito importante.

Dá vontade de chorar. Você podia imaginar que êle chegaria a êsse estado? Puxa, era um grande sujeito! Êle era um grande sujeito, sim. Mesmo que aquela noite êle tenha nos assustado tanto, seria muito bêsta de nossa parte esquecer quem êle era. Era um cara meio esquisito, falava, baixo cheio de planos, mas nunca deixava de tomar uma cerveja com a gente, discutir futebol, ficar triste sempre que soubesse de algum problema nosso. Aquêles olhos pregados na gente: podia ser muito cansaço, podia estar com o saco cheio de ouvir a gente falando, podia, êle podia estar só preocupado com os planos dêle, é claro. Gente, um ano inteiro construindo aquilo, dirigindo os pedreiros o tempo todo durante a construção da laje!, foi êle que escolheu os decalques para enfeitar a máquina, a disposição dos trilhos, a inclinação que as curvas deveriam ter para não prejudicar quando, logo que vencidas, a máquina tomasse corpo e pegasse sem problemas uma elevação, depois a descida, a reta vindo devagar e, enfim, o apito despreocupado, um grito invadindo a campina. E o silêncio fechando escuro atrás do último vagão. Era um grande sujeito e dominava tudo com uma tranquilidade que nos angustiava. Êle dominava tudo como queria, tinha passado um ano construindo aquilo, nós só podíamos ficar olhando, sem poder dar palpites, uma coisa que êle dominava como, que êle dominava como, como um Deus. Um Deus. O trenzinho passando macio, firme, êle dirigindo, muito acima da gente, como um Deus. A única esperança que a gente podia ter era de que êle falhasse pelo menos num ponto, que êle falhasse de algum modo, para que pudéssemos destruir aquela firmeza que era absurda, porque era absurda. Porque era. Era um grande sujeito. Êle não tinha nada que fazer aquilo.

Olha, êle construiu quase um mundo inteiro. Conseguiu adaptar um autorama passando a rodovia ao lado dos trilhos,

e pontes e cruzamentos com todos os sinais direitinho. O diabo do cara combinava as coisas com uma perfeição incrível: ligava o trem, o trem ia, e logo depois os carros começavam a correr e só diminuíam a marcha na hora da travessia, respeitosos de não enfrentar a locomotiva que vinha apitando e gritando que ia passar. Colocou umas casinhas com cercas apropriadas, avisos dizendo que as crianças e os animais ali e aqui expostos, respeitava a sinalização e as coisas seguiam sem perigo de acidente. Sem perigo nenhum. Um Deus como qualquer outro. De vez em quando, saturado, êle pegava uns bichinhos, um mosquito sem asas, uma formiga meio morta, e os deixava nos trilhos. O trem vinha e os atropelava. Os corpos eram removidos amarrados nos capôs dos carros, as sirenes tocando e pedindo preferência.



Foi aí que êle cresceu e começou a determinar os acidentes, ora matando bichos, ora deixando um carro ou outro desavisadamente ultrapassar os trilhos e ser colhido pela locomotiva, a essas horas sempre passando em silêncio e em alta velocidade. Desligava o mecanismo no momento exato para evitar um curto-circuito eventual, fazia a trombada, verificava num instante sua extensão e até aonde poderia ser chamado tragédia ou simples acidente ferroviário. Mas, mesmo, o que estava planejado era um clima que viesse possibilitar um grande desastre, uma coisa terrível que mostrasse não uma

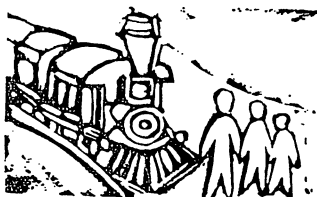
falha, mas, principalmente, um planejamento frio, calculado. Uma perfeição que fôsse, para nós, outro assombro.

Quando conversamos, depois, concluímos que a única saída era a sabotagem. Ficamos nós encarando por sobre as xícaras de café, os dedos enrolados na toalha da mesa, sabendo perfeitamente que aquêle mêdo tinha fundamento, uma seriedade profunda. Êle tinha alcançado um grau de superioridade que nos dava o direito de sentir êsse mêdo. A gente via claramente que êle não ia parar na primeira tragédia, que depois desta viriam outras e, possivelmente, êle não ficaria restrito aos trens e carrinhos. Primeiro, os bichos, o olhar dêle dizendo que nem tentássemos compreender seus planos, mas, se quiséssemos — e era o que, havia algum tempo, vínhamos fazendo —, poderíamos ficar ali sentados, vendo como as coisas avançavam certeiraamente, o poder sobre os objetos, o jôgo bem tramado, silencioso, a lenta destruição que aguardava quieta no fundo daqueles brinquedos. O que seria?, porque parecia ser tão diabólica a segurança com que êle determinava os pequenos destinos ali dentro do quarto, os trilhos e a rodovia cada vez mais entrelaçados, os acidentes se sucedendo, as mortes de bichinhos indefesos e a satisfação, a serenidade de poder matar quem êle quisesse, na hora que bem entendesse? Nós estávamos apavorados, sim, era evidente a necessidade de destruir tudo antes, destruir tudo antes. Uma hora em que êle se distraísse. Era preciso.

Então êle nos chamou para ver. Fomos mais cêdo, na esperança de que nos mandasse esperar por êle no quarto. Mas, quando chegamos, êle já estava sentado no chão, acabando de ajeitar os fios, a posição dos carros e da locomotiva. E, desta vez, pela primeira vez, uma longa fila de bonecos estava disposta sobre a ponte da primeira curva, como em procissão. Foi logo que entendemos: os bonecos, nenhum tinha rosto estranho. Era impossível reconhecê-los — êle tinha desenhados nêles bigodes, as mulheres com longos véus —, mas a certeza de que eram todos conhecidos tinha vindo muito clara, como se estivéssemos folheando um álbum de fotografias, lembranças de amigos, da família. Até de gente esquecida

a quem êle nos apresentara rapidamente, mas que, como quase tudo era concernente a êle, de uma forma ou de outra ficaram grudados em nossa memória.

Êle estava sentado no chão desde cedo, calmo, preparando o palco em silêncio: silêncio das máquinas desligadas e da nossa respiração medida, poupada para os olhos que precisavam, tinham de saber, descobrir uma forma de frustrar seus planos. Já sabíamos quem seriam as vítimas desta vez. Naquela fila, puxando-a, destacávamo-nos cada vez mais nítidos, nós e êle, e entendemos que sua calma tinha o pêso de quem ia morrer, mas que isto era por sua escôlha, uma decisão longamente conquistada. Entendemos enquanto êle, de costas, mostrava a nuca como de uma criança reclinada sôbre o brinquedo. Uma nuca como as outras, calma, segura, e por isto mesmo o mêdo ocupou todo o quarto, as janelas fechadas, a porta já com a chave escondida. Estava esperando, sem pressa, porque sabia que nós tínhamos mais condições de reagir. A hora que êle quisesse. Como sempre.



Apertou o botão pela primeira vez e a luzinha respondeu vermelha, perfeita. Então respirou fundo, correu os olhos pela extensão das pistas, voltou, bateu a mão aberta no joelho e nos encarou. *Como é que é?* Ficamos firmes. Êle ajeitava os cabelos com a ponta dos dedos e continuava a examinar as pistas. *Acho que vocês já me entenderam.* Foi até perto dos bonecos, ajeitou o alinhamento, uma ou outra roupinha desmantelada, passou a mão entre êles para que não ficasse sujeira nenhuma ali, nenhum obstáculo quando as máquinas, ligadas, se enchessem de energia e disparassem violentamente

em direção a êles. Ele sabia que nós estávamos apavorados, olhando em tôdas as direções na tentativa de descobrir uma possível falha, um jeito de sabotá-lo sem que êle percebesse, mas sabia também que isto era rigorosamente impossível. Como um Deus: *eu avisei que isso não falharia, que ninguém mais conseguiria fazer, ninguém!* Calmo, rigorosamente dono. Sentíamos o suor nascendo, aquêles frio freando os dentes, a língua crescendo no céu da bôca. Ele nos olhava agora com um meio sorriso, tudo como tinha planejado. *Vocês não têm que ficar com medo, isto vai acabar num instante.* O mundo inteiro dentro do quarto. A fila imóvel no fim da curva, subindo para a ponte, os carros apontados, os trilhos ligeiramente desviados na direção do primeiro boneco: o trem passaria rápido, faria a curva sem problemas, mas, de repente, faria um barulho, um tropêço, sairia desgovernado para destruir tudo que estivesse na frente. Os carros viriam apenas para conferir, evitar que algum boneco escapasse.

Segurou dois fios com a mão esquerda, descascando suas pontas com as unhas, enquanto ajeitava os dedos da direita sôbre o painel. *Agora!* A máquina respondeu logo, rangeu e começou a arrancar os vagões de lugar. Venceu rapidamente o espaço até a curva e nós fechamos os olhos, o coração quase parando. Um barulhinho curto, menos do que esperávamos. Olhamos de nôvo. O trem venceu a primeira curva, passou rente aos bonecos e correu para o túnel, os carros deslizando, suavemente pela rodovia desimpedida. Ele se mantinha calmo, a procissão estava salva. Ele estava calmo e enrolava nos dedos da mão esquerda os dois fios, olhando descorado para o trem que completava a volta e corria para passar de nôvo pela ponte em curva, pelo túnel, girar indefinidamente. E continuou calmo quando, os dedos enrolados nos fios, êle acionou todos os botões e deu carga máxima. O trenzinho e os carros continuavam deslizando, na perfeição de sempre, e nós pensamos que logo êle se levantaria para reorganizá-los, começar novamente. Mas êle não se levantou. Ele falava sempre que aquela máquina não tinha condição de falhar. E não tinha mesmo.

UMA VEZ NO SÓTÃO

JOSEPHINNE

SANDRA LYON

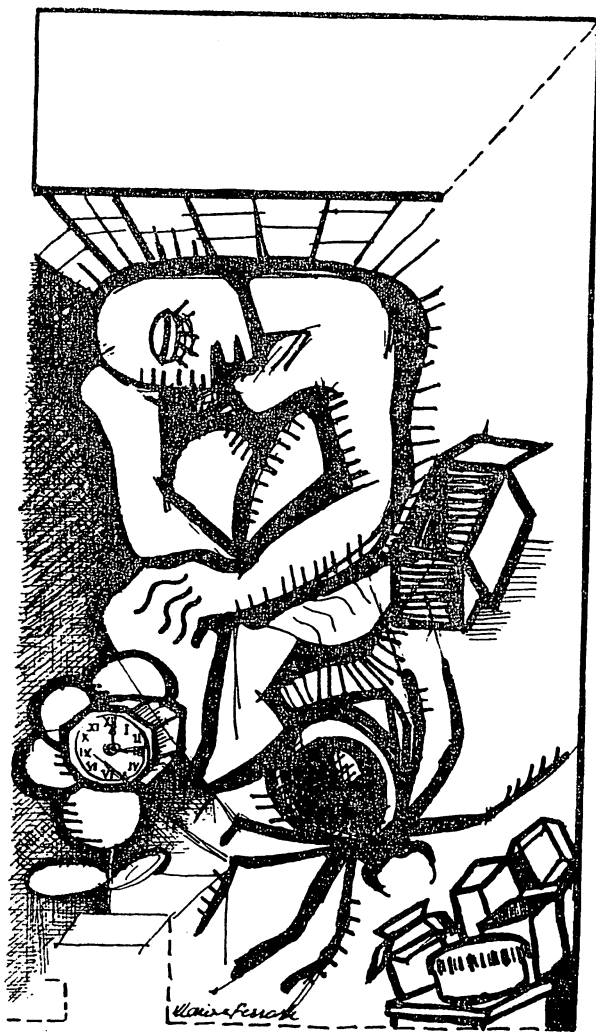
ICB — Medicina — 1º ano

Houve uma tarde, outra tarde, e várias tardes se sucederam até então. E há muito' êle se deixara levar por um desânimo mortal. Em pensamento ia se anulando aos poucos, devagar. Nêle, apenas o mêdo que o descobrissem ali, o sótão empoeirado.

Não havia nada pior que a vigília, o pavor. E se à noite uma aranha magra, saltitante passeasse sôbre seu corpo? De olhos fechados refugiava nas caixas, bugigangas empilhadas à sua volta. Êle sempre tivera pavor dêsses pequenos animais, as suas patas peludas, negras ou marrons. E só de pensar, êle se consumia todo, suava frio e levantava pegajoso. Agora: fechara os olhos com fôrça tentando recompor a vida lá fora.

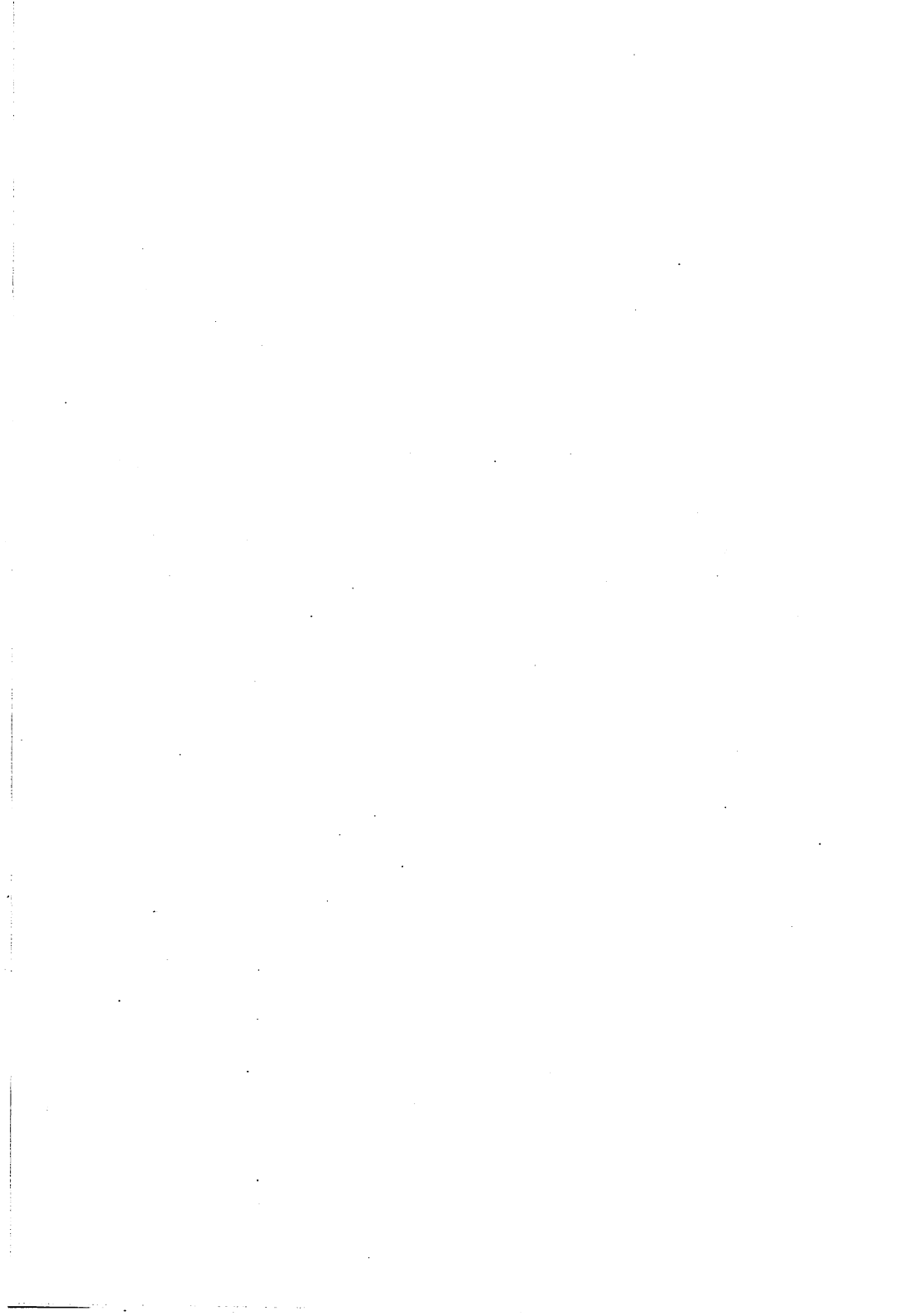
A poeira vinha de todos os lados, fina, invisível. Cada manhã aumentava um pouco, chegando de mansinho: já aprendera a distinguir poeira nova de poeira velha. Tinha vontade de empurrar com as mãos aquelas paredes, o espaço contendo a fragilidade do seu ser. Machucava-se todo de bater nas paredes numa tentativa vã de que elas se afastassem, que lhe cedessem lugar. Em momentos de lucidez e de um pouco de paz ficava a fitar o vazio através de uma janelinha, enchendo o sótão de uma luz vaga. Às vêzes, podia ver a rua

lá fora. Via todos, sem se fazer visto. A rua, os vizinhos, os jardins. Acompanhara naqueles dias o desabrochar das flôres: uma a uma, elas tinham se desnudado diante de seus olhos.



A descoberta do sótão mais dias menos dias iria acontecer. Ele esperava por êsse dia, indiferente, mergulhado apenas em pensamentos profundos. A vida ali confabulava com linguagem ventral, feria indiferente. Ele, embrião, no ventre sótão media ângulos diversos, hesitava em ganhar a luz. Às vezes espiava através da parede as coisas opacas, invisíveis. Sabia apenas que as suas noites rodopiavam, longas, sem fim. Ficava à espera do amanhecer que ia delineando o tempo, as horas, suave.

E, numa manhã, aconteceu o inevitável: vieram buscá-lo. Não conseguia entender como, nem porquê. Vieram buscá-lo, apenas. Ele se desesperou nessa manhã. Foi tomado de súbito pavor, um desamparo solto. Ninguém poderia tirá-lo dali, o seu mundo feito de largos silêncios, o seu mundo embrionário. Podia-se dizer que enlouquecera naquela manhã: bateu a cabeça contra a janela do sótão. Os vidros em cacos penetravam através da carne, rasgando-a. O sangue escorria, vermelho. Tentou chegar à luz por si, do outro lado: o ar puro, o mundo, a vida. E todos se ajuntaram ao seu redor querendo vê-lo. A curiosidade. Chorou rouco, histêricamente. Por longo tempo ainda resistiu à luta e, por fim, exausto deixou-se levar. Ele, os cacos, o sangue, tudo. Para trás ficava apenas o sótão vazio, o seu mundo, as suas flôres.



CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS

MENÇÃO HONROSA



DAQUI A DEZ ANOS

OLIVEIRA

EDGARD PEREIRA DOS REIS

Faculdade de Letras — 4º ano

De início preciso deixar claro que não forcei as coisas, elas aconteceram espontaneamente. De repente senti-me pequeno para as coisas que vivia, para as sensações que experimentava. O que era eu tornou-se insuficiente e deixei de projetar nos outros as qualidades que não tinha: beleza, principalmente a beleza. Uma tarde após terminar o serviço aconteceu de me lembrar de uma casa grande, via um sobrado branco na rua principal de uma cidade do interior e meu quarto que dava para o lado das laranjeiras. Um impulso forte foi me forçando a acreditar que aquela casa, onde nascera e me criara, para ela deveria voltar. Até que na tarde seguinte êle apareceu. Era alto, um belo rapaz e os cabelos longos tombavam pelo pescoço em anéis, as roupas coloridas. Tôdas as tardes êle passaria a me ver e êste tornou-se o melhor momento do dia e o mais terrível também. Chegava sério e sem ruído. Sua presença (ninguém mais o via, apenas eu) me obrigava a enormes sacrifícios: suas reações eram imprevisíveis. A primeira vez que caminhamos juntos deixou-me fatigado, porque trabalho o dia inteiro sentado no caminho e seus passos eram longos, ágeis, mas andava sem ruído. Foi difícil acompanhá-lo. É difícil explicar: eu o percebia e ninguém mais. Se quisesse apalpá-lo, não seria possível, se quisesse ouvir seus passos não seria possível, se quisesse definir

a côr dos seus olhos não seria possível afirmar se eram azuis ou verdes ou castanhos, se era lóuro ou moreno, também não sei. As roupas eu sei, eram coloridas. E os cabelos longos, os ombros largos. Chegou do lado das máquinas de perfuração.

“Tem passagem ali?”

A rua era a São' Paulo, esquina de Augusto de Lima, eu trabalhava na construção, enormes máquinas impediam a passagem e caminhões ensurdeciam as pessoas. A cidade não podia parar e eram rápidas as palavras trocadas. A noção mais clara dêle é sôbre a estatura e pequenos detalhes: era alto, os cabelos em anéis, ombros largos. Tinha certeza de que já o vira em algum lugar, por isso perguntei:

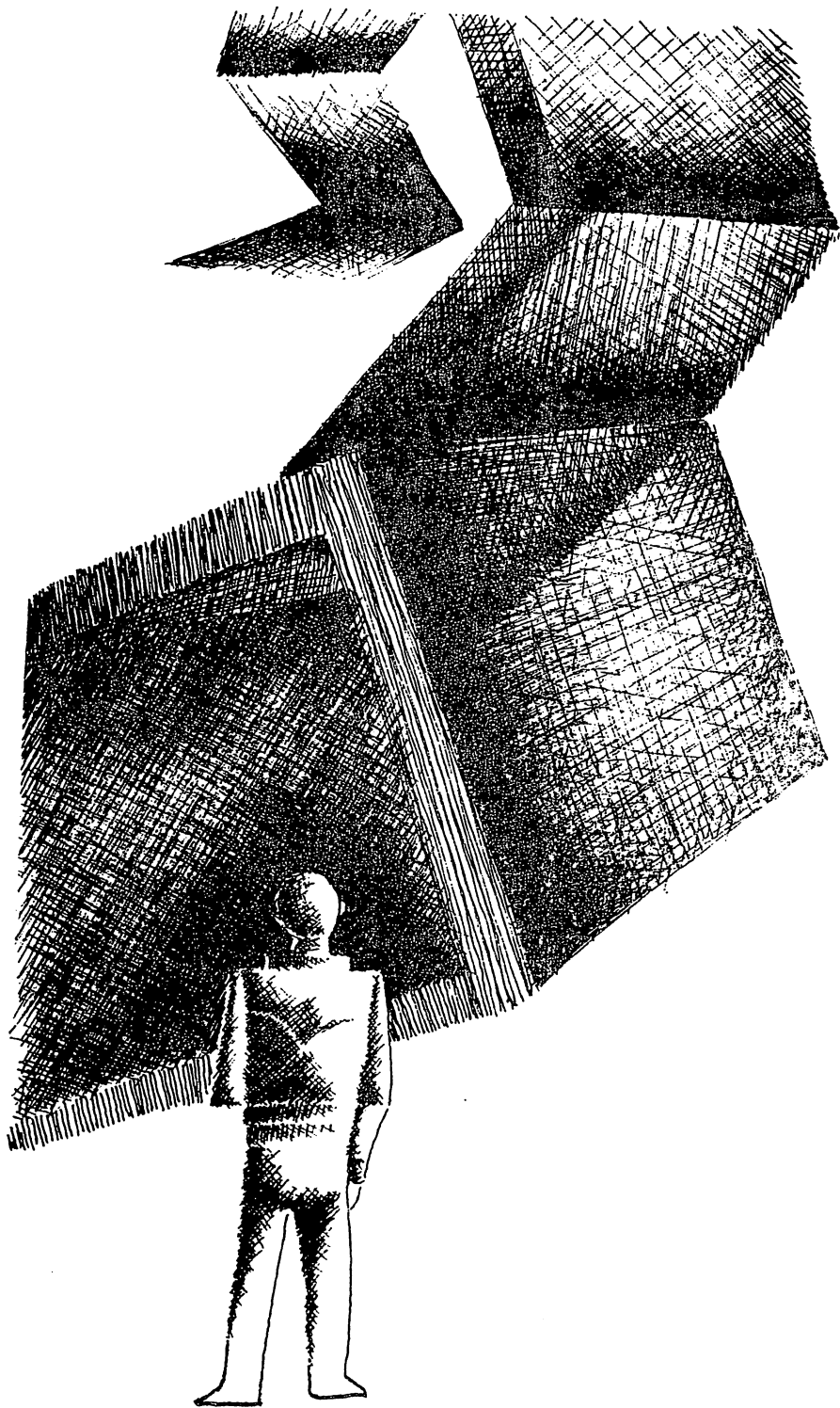
“Você esqueceu?”

“O quê?”

“A placa: a rua está interditada”.

“Ando muito desligado” — foi o que respondeu. Os jovens descobriram um modo de ironizar as coisas, é o que demonstram pelo jeito de olhar, pelo jeito de falar e irradiam essa ironia, às vêzes até pelo vinco da pele. Sua presença da primeira vez foi um estado puramente físico, percebi que seu espírito fugira para longe dali. O barulho dos tratores e a poeira em volta impedindo manter os olhos abertos por muito tempo, mesmo se quisesse ler o cartaz do muro: gente que sabe o que quer fuma minister — não conseguiria. Não sei porque quando forcei a vista já não estava mais nítido, e sim feito sombra à minha frente, como se fôsse a sombra de mim mesmo. Então que perguntei quem era, o que fazia, o que queria.

“Sou um rapaz comum” — respondeu. Devo dizer que isso me soou falso a princípio, porque ser comum para mim era ser chofer de caminhão, e não usar calça lee, colares no pescoço, nem camisetas coladas ao corpo. Depois aceitei o que disse, porque notei que havia traços de camponês no seu rosto,



M. Cristiana

assemelhava-se um pouco ao meu. E disse que ia entregar o caminhão (eram seis horas da tarde) que não demoraria, era só entregar o caminhão e tirar o uniforme (quando trabalho aqui usamos uniforme vermelho). Várias pessoas passam horas inteiras a ver-nos trabalhar, mas ninguém até então dirigira-se diretamente a mim. Claro que devia ser a primeira vez que passava ali e foi natural que me perguntasse. É verdade que não me lembro se de fato alguém me perguntou alguma coisa, ou por causa do cansaço aquilo não passara de visões caducas: êsses tratores, essas máquinas, êsse barulho o dia todo chega a confundir a gente. É natural que não podemos dar atenção a tôdas as pessoas que nos observam trabalhar, mas êsse não foi o caso dêle, porque não observava ninguém, queria passar e achou de perguntar. Quando voltei passei no bar, comprei cigarro e ao abrir o cigarro êle me disse que pensara na sua família, na casa que era grande na rua principal da cidade, um sobrado branco, pensou no seu quarto que era estreito e tinha uma janela que dava para o quintal das laranjas. Na verdade ninguém estava a meu lado, mas fui me acostumando à sua presença invisível e silenciosa. Comecei a pensar que se dera o seguinte: às vêzes não conhecemos o lugar por onde queremos passar e interiormente perguntamos se por ali tem passagem, a gente se concentra nessa pergunta que consegue resposta da gente mesmo. Talvez tenha acontecido isto. Eu fiquei a pensar de modo insistente nisso e consegui visualizar seus olhos alegres, piscando e seus ombros largos.

“Eu não quero que você me veja”, ouvi mais essa resposta, que saíra de dentro, parecendo de outra pessoa. Aconteceu comigo de encontrar outra pessoa que não enxergava mas existia.

Difícilmente chegávamos a um acôrdo. Por exemplo, êle quando falava escondia as mãos e eu não sei conversar sem gesticular. Chegava a se tornar insuportável às vêzes: fazia-me andar muito à noite. Achava-me ridículo, preocupado com o que os outros pensariam ao me ver andar sem rumo

assim, mas aos poucos fui me acostumando. Os colegas de serviço disseram que me tornei diferente, que pareço calado. É que deixei de acompanhá-los no bar para tomar cerveja após o serviço. Falou-me de duas pessoas que amara (também amei duas pessoas), mas nunca as vi, também não perguntei onde moravam. Não consigo lembrar direito sua voz, sei que costumava piscar os olhos de vez em quando.

À noite quando chegava em casa e se fazia silêncio, êle aparecia, então meus sentidos tornavam-se duplos, cómo se duas pessoas existissem dentro de mim. Comecei a descobrir: nada pior do que ser uma pessoa apenas, ter só uma carteira de identidade, as mesmas reações de sempre, a mesma fisionomia. Alguns pensamentos me fugiam quando estava presente. Às vêzes chegamos a pensar as mesmas coisas; ao passar pela cidade olhei pela janela do carro e foi êle quem deu nome ao que eu via: "olha, é a Praça da Liberdade". Era o que eu olhava. E pensava também na liberdade, eu a valorizava muito pouco. Costumava me fazer viajar nas coisas que olhava e isso me deixava pequeno e cada dia mais precisava dêle.

Comecei a me preocupar com seus ombros largós, isso me irritava como se ter ombros largos fôsse um privilégio meu, que sempre trabalhei de motorista, em trabalhos pesados. Seus ombros excessivamente largos e fortes passaram a me inibir na sua presença. No fundo preocupava-me o fato de me esvaziar daquilo que sempre tivera: a serenidade. Esta desaparecia.

Resolvi fazer horas extras todos os dias para que chegasse em casa cansado e não tivesse tempo de pensar, de ficar sòzinho: não queria encontrá-lo de nôvo. Aquilo chegou a me irritar: os dias cercados de poeira, as noites cercadas pelas suas palavras, pelo fluxo de alegria que me invadia. Acontece que temia que estivesse ficando fraco-nervoso, porque trabalhava muito e seria pior me acostumar à sua presença estranha porque ela podia durar pouco. Resolvi ocupar as horas antes do sono a colecionar sêlos, para que êle não aparecesse. Em vão; na verdade minhas reações eram as de um adoles-

cente. Ao mesmo tempo que precisava dêle, não como se amasse outra pessoa, não havia necessidade de tocar seu corpo, tinha medo dêle. Era o amor de Narciso, encontrar em mim mesmo ressonâncias afetivas, contemplar a própria imagem, contemplar retrato antigo (aquêles que mostramos satisfeitos "eu era assim quando tinha 15 anos"), sentir alguma coisa parecida com o vislumbre da imagem ideal que fazemos de nós mesmos para o futuro. Eu me antecipava, assim, de certa maneira, alguma coisa como o projeto de meu ser livre no futuro. Porque eu penso que daqui a uns dez anos não vou ter mais que trabalhar tanto, não vou ter que fazer hora extra, poderei andar sem rumo tôda noite. Tenho visto meus colegas se enfraquecendo aos poucos, dois dêles não vejo mais: foram internados.

A princípio pensei em matá-lo. Agora já assumi responsabilidade dêle, não fico mais desapontado quando começo a imaginar coisas futuras através da sua presença que se revela quando estou sozinho em meu quarto. Lembro a casa grande, o sobrado branco na rua do centro da cidade do interior e meu quarto que dava para o lado das laranjas. É um outro ser que existe em mim, êle me antecipa o que vou ser e de certo modo me ajuda a preparar para o que vamos ser os dois daqui a uns dez anos. Com êle estou aprendendo que sou diferente das coisas, como as pedras: as pedras são do mesmo modo sempre, elas existem fora do tempo, o tempo as envolve de fora, ao passo que comigo as coisas não são dadas mas conquistadas, o tempo sai de dentro de mim e só eu posso antecipar o que vou ser daqui a dez anos. Isto não é determinado, o que vou ser daqui a uns dez anos. É bom, descobri que não sou coisa, porque a pedra é coisa, mas eu não sou pedra. Somente com êle aprendi a pensar nisso, tem mesmo uma palavra que aprendi; quando me interiorizo, consigo "problematizar" os acontecimentos e aos poucos antecipar os acontecimentos daqui a dez anos: vou poder andar à noite sem rumo, tôdas as noites e não vou sentir cansaço porque então não vou fazer mais horas extras.

O VELHO, DE PARTIDA

JOSEPHINNE

SANDRA LYON

ICB — Medicina — 1º ano

Havia vagado tanto nessa vida, o velho Matias. E exalara tanto por êsse mundo a fora que, aos poucos, foi se curvando sob o pêso dos anos. Era pequena e branca a sua casa. E, num relance geral, podia-se distinguir-lhe o telhado vermelho brotando por entre árvores e flôres, muitas e muitas, as flôres ao seu redor. A casa ali aprisionada. Os cômodos tão pequenos, já não cabiam tanta velhice. E como solução fêz-se transportar para o jardim: êle, a sua cadeira. Ora um pouco de sol, ora as sombras das árvores iam enchendo os seus dias. Sentiu alegria, viu-se rejuvenescer, reviveu.

Perdida do outro lado, a rua. De vez em vez, espiava, mas espiava só, tímido. Os óculos embaçados e a vista sempre fraca não podia fatigá-la: temia não poder ler os jornais. Um rotineiro passatempo saber do mundo, das coisas lá fora. Os dias eram bonitos, claros e êle temia as noites. Um mêdo horrível que a morte o apanhasse, despercebido, sem que tivesse tempo de despedir das coisas tão suas. Era a vida, quem diria. E Matias se balançava na cadeira com seus pensamentos, as suas lembranças.

De vez em vez uma visita ou outra. Era sempre a mesma conversa: como estava forte, tinha muitos anos pela frente. Matias concordava, fingia acreditar. Sorria num gesto infeliz, todo um sorriso desnecessário. A companhia insôssa se des-



pedindo e êle a olhar demoradamente o mundo ao redor. Queria guardá-lo, todos os detalhes. Nada de imagens sôltas, insensíveis. A paineira até bem pouco tôda florida foi perdendo fôlhas e fôlhas, uma a uma, e êle acompanhou êsse cair, silencioso.

E houve um dia — já vai longe — em que Matias olhou, através da vidraça, as côres do jardim. Saiu devagar. Lá fora o ar gostoso da manhã envolvendo-o. Sentiu-se criança, um garôto aniversariando. Sons vindos de tôdas as partes. Pôs-se à escuta: tocavam strauss e êle valseou por entre os canteiros. As suas flôres ali, tão próximas, plantas que cultivara durante todos os seus dias. Uma vida vegetal a sua. E borboleteou de flor em flor, sentiu-lhes o aroma tão familiar. Uma pétala ali, outra aqui e que reunidas êle podia compor poemas inteiros, num lirismo, hoje, fora de uso. Entardeceu naquele dia, a tarde chegou para Matias, como haveria de entardecer em muitos dias para tôdas as pessoas. Quando sentiu o sol fugir, êle começou a chorar um chôro sentido. As lágrimas foram caindo tantas e tantas que suas feições ficaram murchas, o seu rosto endureceu ali, diante de todos. Sentiu-se só, aniquilado, quando o levaram de volta ao quarto.

O quarto exíguo, uma figura esmaecida. Êle findando-se ao redor de tôdas as coisas. E num instante apenas um vento forte varreu tudo lá fora. Fôlhas e pétalas arrancadas com violência se espalhando. E, numa explosão, levadas para a rua em redemoinho. O jardim aos poucos devastado, não ficara fôlha sôbre fôlha. Apenas uma cadeira de balanço, esquecida.

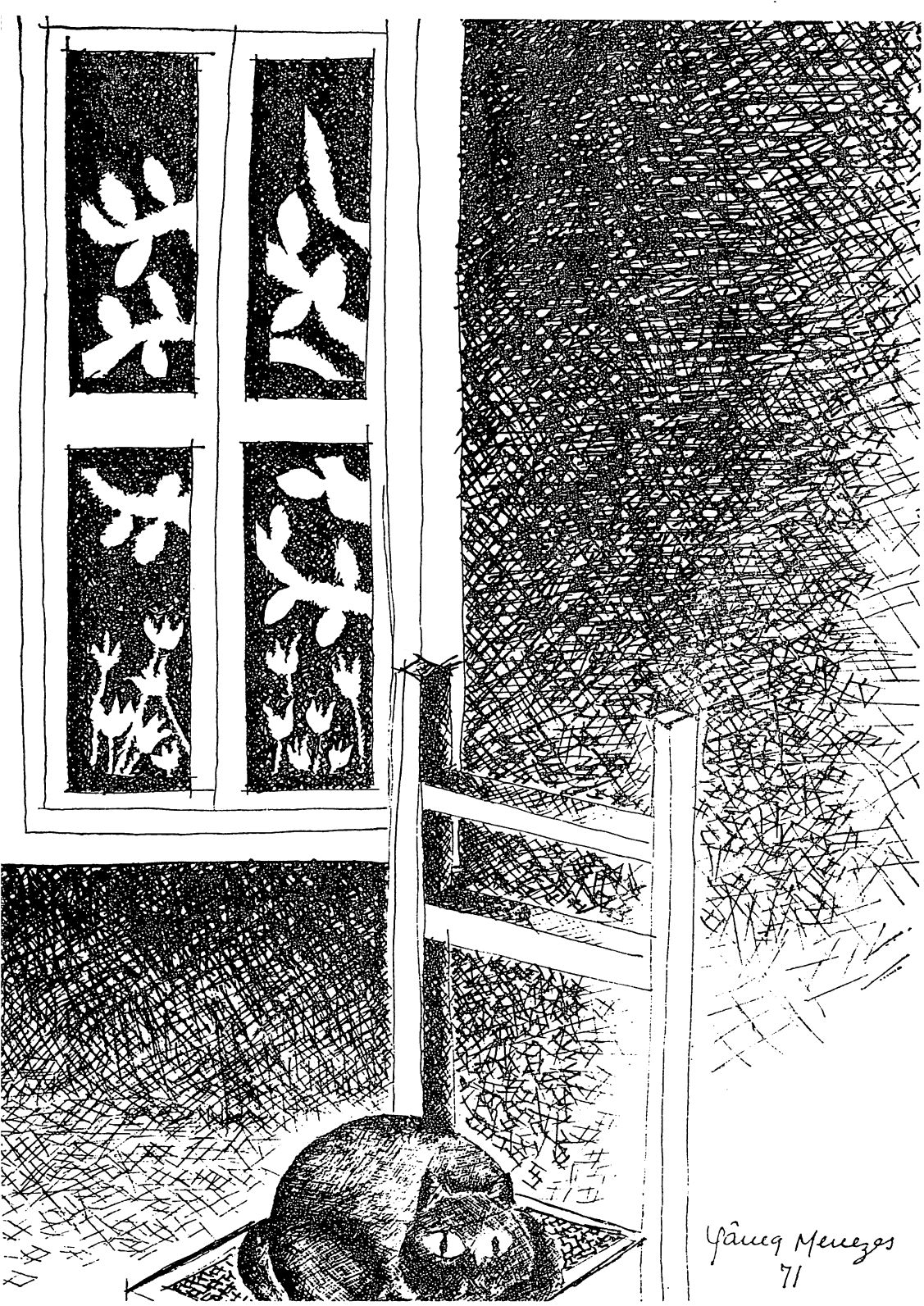
RONDA

YIN

MARIA DAS GRAÇAS SILVA

Curso de Formação de Atôres
Teatro Universitário — 1º ano

Faltava um homem para admirar. As laranjeiras davam flôres e ficavam. Havia também algumas dúvidas. O tempo à espera. Impassível. Mesmo aquela mulher que faltava. Borboletas raspando os vidros com as patas. Janelas fechadas. Quem passasse por lá sentia saudade. Mas nem por isso as flôres morreram. Cada primavera incutia-lhes, nas côres, vida nova. E eram lindas de se ver. Na cozinha as panelas queimavam éter no fogo eterno. As ondas quebrando-se no borbulhar de areia. A casa se dizia dos amores etéreos. Mas faltava o homem e todos sabiam. Até a mulher que também faltava, faltava na falta do homem. No entanto, ela estava presente. Fixada e só na parede, a mulher esperava. Tinha que chegar a hora da condição final e melhor. O homem estivera lá. Por isso a consciência de sua falta; a certeza de sua volta. Os ratos a secar suas peles no sol da janela. Para êles era indiferente viver ou não, sem o homem. E ainda estava sêco o sangue agarrando com unhas e dentes o chão vertical. Não havia água que tirasse. A mulher soltou um suspiro escorregante até o ouvido de todos. Então se admiraram. O suspiro é porque também faltava a mulher. Ela presente; no entanto pintada e tinta. Não se conformando, o vento uiva debaixo da cama. Incomoda bichano. Bichano não era mais



o mesmo. Tornara-se muito egoísta. Ousava não dividir o macio de seu pêlo.

As tardes chegavam muito bem vestidas. Nas dobras das roupas o sonífero lamento de uma cítara. Nessas horas o cisne negro estacionava o nado rente as margens, ouvindo no alongar do pescoço. O lago era enorme e azul. As flôres, chegado o tempo, iam morrer em suas águas. E o homem ainda fugindo dos olhos da natureza. E todos já não possuíam as mãos da mulher que afaga. O fogo explodindo espaços. Bichano miando entrosado com o vento. Quem dera o passado! Talvez o gato de botas transpusesse sete, mil, milhões de léguas. Traria a alegria. Uma alegria maior, porque já havia a da esperança. A mulher não decidiu no quadro negro. Possível/impossível. E depois de tôdas as tardes lá vinha a noite escorregando montanha abaixo. Uma brincadeira. Noite criança. Certa laranjeira, cansada de só dar flôres, deu também alguns frutos. Vieram então os pássaros do céu e puseram-se a comer. E novamente os lírios do campo se abriram em cálice na veste clara. Queriam que os olhos da mulher se enchessem de vontade. Uma vontade capaz de realizar qualquer coisa e uma que todos bem sabiam. Ulysses ausente.

De manhã dona Galinha inspecionou a casa. Pôs tudo em ordem e o poleiro dos anjos no terreiro. Era preciso vigiar e orar. A hora ninguém sabia; tão pouco as virgens ninfas do lago azul. Depois alguém olhou para o lago e viu o cisne negro coabitando com as virgens brancas e ninfas. Gargalhadas geral. Um cisne tão orgulhoso! Mas nada disso importa. O anseio maior paira no ar. Um sentimento que se agarrava logo logo no coração da florzinha nascida. Não tinha escapatória. Esperar eterno de tanta pressa.

Antes, a mulher do quadro vestia seus cabelos de azul e a natureza. Seus cabelos prêtos agora, não conseguiam atingir com suas côres o verde das árvores. Alguns sugeriram: o que custava esticar o fio da esperança um pouco mais? Já que êle existia de um a outro extremo, podia agora contornar os lados.

João de Barro, e nem o sabia, construiu uma casa tão sólida que durasse várias gerações a partir do Reino de Eldorado, nos primórdios das civilizações. Viveu 700 anos e morreu na santa paz dos pássaros. Nesse tempo sua família dominava todos os galhos de árvore que havia por lá. Porém faltava o homem e a pintura sabia que a mulher também faltava.

Quando a cotovia soltou o canto no céu, o mar veio quebrar suas ondas no pasto, em homenagem aos cavalos de Netuno que não mais quiseram voltar. Puseram-se marcialmente e ruminantes em fila à espera do séquito real. Então fêz-se um claro nas nuvens e a sombra do homem delineou-se no espaço. A mulher à sua mão direita.

REFERÊNCIA

SACK

OSWALDO ANTÔNIO FERREIRA DA CUNHA
FAFICH — Psicologia — 3º ano

Atirei decididamente pela janela as últimas esperanças. em vão tentei extrair do silêncio construções de novas imagens. o quarto mergulhou no absurdo, então; inexoravelmente. a janela permanecia aberta à tôdas as críticas. Uma metamorfose encefálica transformou as bases do equilíbrio. tentei, mais de uma vez, confabular com a Estática e a Dinâmica, que, inertes, assistiam ao meu epílogo. meus braços, incontrolados, regiam a melodia inexistente da partitura rôxo velório que escorria por debaixo da minha memória. apelei, num gesto de desespero, para a Dialética, mas ela havia me abandonado na quarta-feira de cinzas, tôdas as opções, num ritmo perfeito, oscilavam de cima para baixo, impossibilitando-me de agarrar-me a alguma delas. alternativas móveis. senti meu peito inflar-se de ar poluído e, num zaz, virei-me do avêso os subterrâneos de minha mente foram de encontro ao alógico e tudo se diluiu no espaço em microscópicas frações de segundo.

Monges peregrinos que por ali passaram, muitos séculos depois, santificaram-me em nome de Bartala-yan.





RL

revista literária

CONCURSO
DE
POESIAS

1º Lugar

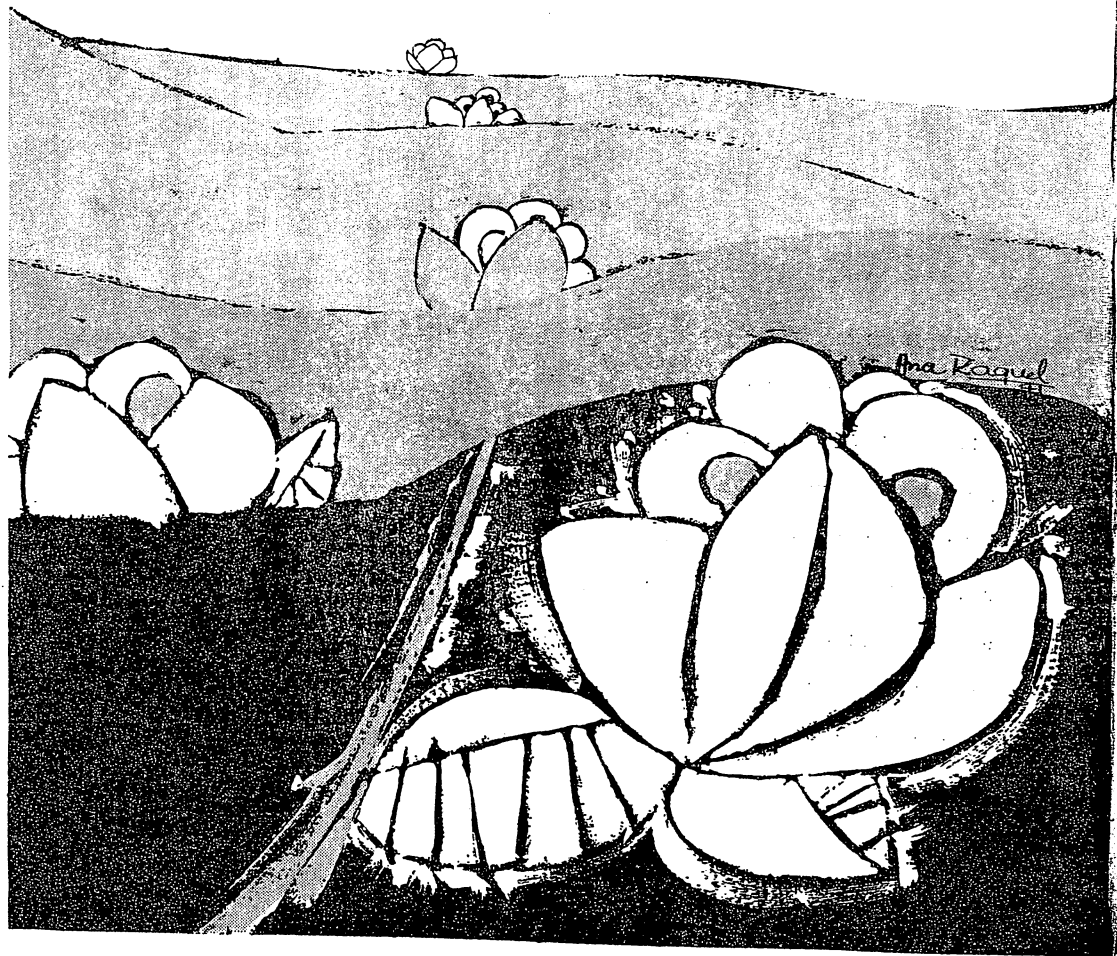
PERSPECTIVA SÔBRE O DENTRO DE UM CADÁVER

AZOR

ADAO VENTURA FERREIRA REIS

Faculdade de Direito — 5º ano

nesta mão eu te trago a estrada suja de suor, nela escrevi meu nome, dela reconheci a firma, apesar da dor e do sofrimento, muitos anos ocorreram até eu chegar aqui com êste testamento todo, timbrado de armaduras e distâncias, fragmentado pelo frágil sorriso de inconseqüentes memórias. eis a estrada, ampla e úmida de sandálias de couro cru, de áfricas noites viajadas em navios e correntes.



2º Lugar

POEMA DA INÚTIL UTILIZAÇÃO

MARIA

MARIA AUXILIADORA ROCHA
Faculdade de Letras — Licenciatura

santusa
e vou parir o pomo
de assombro
do meu verso

o monte sinai
me engole a face
(meu pai meu pai)

negra
retorcida
verde e pasma
de tantos anos-luz

alcango o monte konju

meço meu ser
e minha gleba
e meço a
messe
e esqueço
a massa
compacta
de minha consequência

oh eu vim de muito longe
talvez das asas de cansim

eu vim

na lida esmorecida
o fato/jato
projetante/projetado
consumatum est:

o homem que manda
não co-manda
comi(da)demanda
santusa-mulher
cumpri o pêso dos séculos
retomo a fonte das canções
de gesta
e tôdas as rimas
de meus ancestrais

e negra
e branca
e fértil
e imaginada
pisarei a lama dos ventos
noturnos
desagregando a umidade poética
de fêmea eclética
santa
ficada
não verei a proporção de cidades
que consomem bodas
à luz de viadutos fosforecentes
e afastarei anacoretas
que juncam de flôres adros
desertos
neves do último inverno
taparão meus ouvidos
afastando o canto de aves
agoureiras
porque preciso de silêncio
para surpreender todos os pensamentos
dispersos
na vida inescrutável



RENICE



vamos dizer que o tempo as-
suma gestos colhidos em harmonias
vivaldianas vamos dizer que não se
diga nada do absoluto que não houve
e os jornais da manhã estampem rostos
que se projetem no espaço de múltiplos
segundos e anjos ameaçados tracem
esquemas de reconstituição e novos
címbalos renasçam borboletas coloridas
nos cantos esquecidos da américa do sul

estarei dançando
diante da praça pública
na volta da repartição

tenho salário
sou cidadã honorária
da pragmática
de ser santusa
-mulher

me banho no potengi
da fortaleza dos três reis
magos (rn)
decoro lendas vividas
em momentos

vagos
sei a taxonomia
do conhecimento à avaliação
jogo na bolsa
faço feira

leio borges e leio cortázar
amo drummond
varro casa
ouço tom
danço
choro
ligo —
desligo

sou-alegre-sou-triste
me consolo me xingo
rezos
amo drummond

desvendo enigmas de cibernética
na estética patética
hermética fusão
de todos os orgasmos

no ângulo da ótica
danço exótica
ensaio um passo
apocalíptico
aponto o mar

o mar?

o mar

meu pé tem a dimensão ciclópica
da música que eu canto
nas lutas iniciadas
em espaços brancos

sou santusa acronotópica

sou aquela que governa
noites inexistentes
deuses inexistentes
luta de arco e flecha
e manda flôres a todos os desgarrados.

3º Lugar

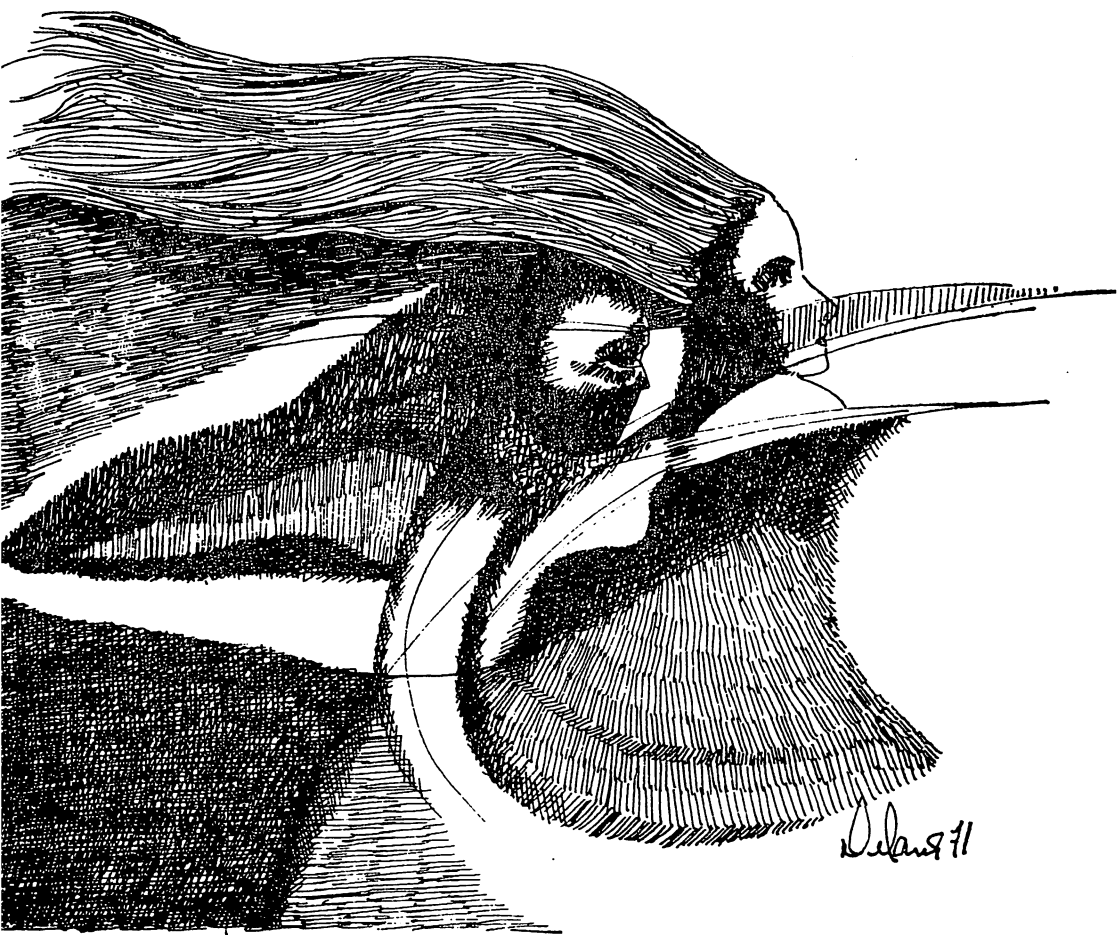
IMAGEM SIMPLES

LUMA

LUIZ OTAVIO LINHARES RENAULT

Faculdade de Direito — 1º ano

Cumpro-me em quatro pontos
em quatro tempos
na idade sem regra
ou privilégio.
Como uma fôlha
que ainda prematura
balança sem saber
da seiva
que a terra resguarda
ou caibo-me
em meu olhar
e projeto
em invertida paisagem
o corpo
daquela mulher que chora.
Ponho-me
no corpo dela
o rosto voltado
para o espaço
que nos limita e
em gestos tímidos
descubro seu corpo esguio.
O tempo
que eu não conheci



É o mesmo,
a mulher e eu
Também o somos
derretidos em chumbo
sobre formatos hodiernos
Um pássaro áptero
desenha no tempo neutro
neutro desejo
avivado pela sombra
de um pensamento curvo
enquanto meu corpo
sem forma
se colore no ar
confundido pelo
arco-íris do tempo.

CONCURSO
DE
POESIAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS

MENÇÃO HONROSA



CISNE

GUEULA

ANA CECILIA CARVALHO
FAFICH — Psicologia — 1º ano

O momento de estar só
vem de baixo da terra
quando o sol está doente
e as pessoas pesam de angústia.

O momento de estar só
é o instante mais vital,
é o segundo de tranquilas águas,
de profundos espelhos vertiginosos.

Quando no campo
passa luz através da bruma
e esvai-se o que era
um grito universal,
é o silêncio,
ninguém ouve,
nunca ninguém ouviu êsse silêncio escrito.

O momento de estar só
vem de baixo da terra.

FASE I

FASE I

MARIA ALICE MARTINS ALVES COSTA
Esc. de Arquitetura — 1º ano

1. D. Cecília

Pequena senhora antiga
nascida em bérço de cana
crescida numa grande calmaria
numa quente e triste varanda.

Pequena senhora antiga,
cheirando a flor de laranjeira,
porque teu sorriso falso,
porque teus olhos calmos?



Pequena senhora antiga
ainda cultivas flôres lastimando a morte
de algum parente próximo?

Senhora antiga
 teus olhos nada mais dizem
 és agora um fantasma
 teu sorriso não existe
 nada existe
 apenas o retrato com pequenas letras:
 «para uma menina triste...»

2. Fuga

Queria amar-te
 assim libertos,
 sem espada de fogo e expulsão
 esquecendo da vida e da morte
 num país de sono e esquecimento

Virias com o bôlso cheio de milagres
 e o mundo te veria passar como a figura mais colorida do dia



3. Limite

Mergulho brusco no espaço infinito
 vã tentativa a procura do som
 intemporal a alma deserto,
 antigo vale de sonhos
 tento dar-me
 e me perco
 e me perc
 e me per
 e me pe
 e me p
 e me
 e m
 e

4. Viagem

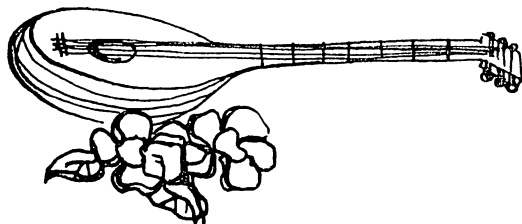
a paisagem

passa
com o tempo
paisagem-tempo

o vidro imageia em frente à paisagem-vida
um rosto quieto com vontade de fazer muita coisa

5. Gal

Visão profunda de corpo-selva
transgal, o verde
lugar habitado por bichos e povos
o cheiro transcendental, asiático
o SOM penetrante e ilimitado

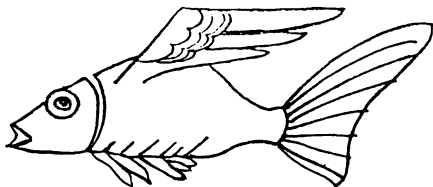


6. SONDIDAS

estandes senidos
nantes sorlodes
palunos pneguidos
orades navor
e nando edrado
qualados redados
lhoamos hirados
bhaeamos danor

7. Estrada

da janela do carro
tento
agarrar o tempo
agarrando o vento
STOP
infinito momento
nossa solidade
nossa velocidade



8. Fases

água	céu
levíssima (de transparente)	líquido (de azul)
o pássaro nadava no céu	
o peixe voava no mar	

9. Caetano

mágico corpo
que se veste de branco
e quebra as regras
penduradas na parede

10. Passagem

viaja o corpo
pelas emoções
viaja menino
que a vida é viagem curta
do tempo
pelos corpos

11. Teoria

O infinito pode ser tudo
ou nada
dependendo da vontade do filósofo
um número sobre zero
o encontro das paralelas
a fusão das cores
o zero dimensional
um grande amor
o medo
o fim do mundo
a liberdade

Mas eu lhes digo, meus senhores
o infinito
nada mais é que um oito deitado

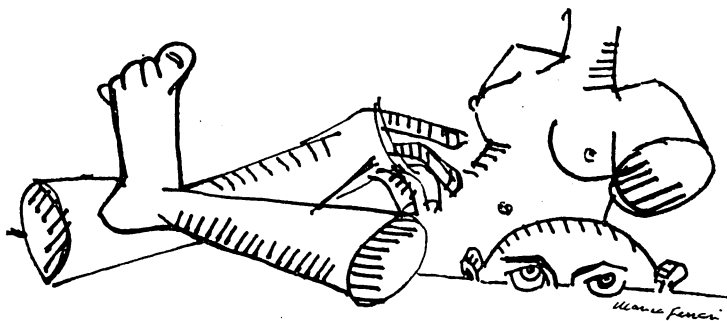
12. Troca

o que eu tenho pra te dar é muito pouco:
dois pés chatos
duas pernas cansadas
dois braços vazios
dez unhas roídas
uma boca rindo
um nariz resfriado
dois olhos chorando
o resto você imagina

eu também acho a troca desonesta

13. Testamento

meus dez ouvidos para Caetano
meus dez olhos para o Pete
meus dois narizes para Mariana
minhas três bocas para Nanato
meus quatro ombros para Gilda
os oito braços pra Fatinha
meus cem dedos pra dividir entre a família
meus quatro seios para as crianças sem mãe
meu sexo pra algum tarado
e meus pés pro Túlio aguentar andar o mundo



POEMA DAS INSTITUIÇÕES

ZÁTILA

Adão Ventura Ferreira Reis
Fac. de Direito — 5º ano

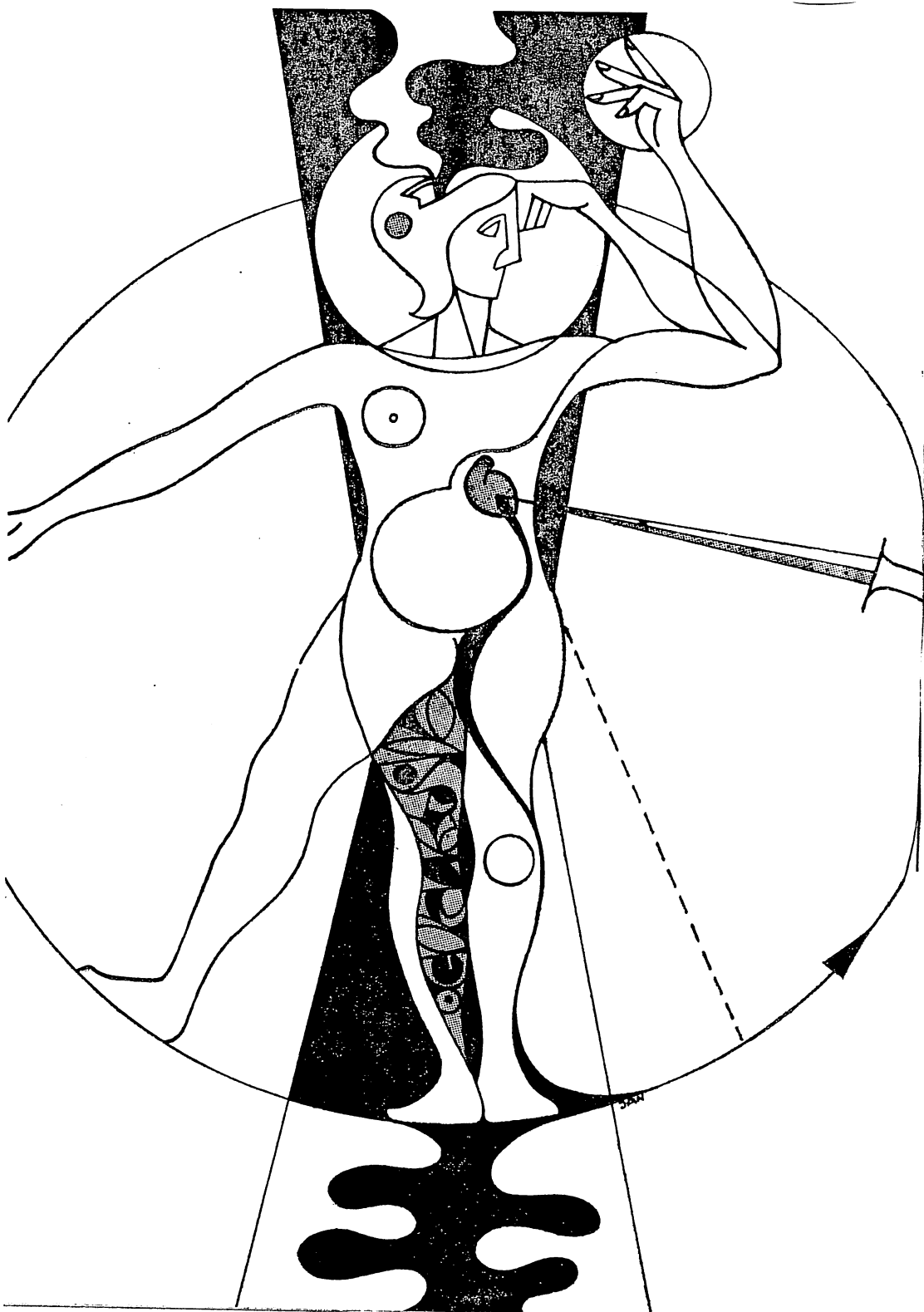
inaugure no corpo
a seiva dos sonhos
forjados no mito.

inscreva nos gestos
a fôrma dos ritos
usuais do anônimo.

instaure no sangue
a fôrça da fala
gerada no ódio.

imprima na pele
o silêncio da pôse
haurida no têrmo.

instrua na campa
o corpo da posse
fraudada no êrro.



IMAGEM

ZOOLEIA

LÊA NILCE MESQUITA
Faculdade de Letras - 4º ano

sulcos dividem meu rosto
retalho de espelho partido
: rios de minha memória
apagaram minha face

a minha rua ruína
moída a vida do vidro
: o martelo em meus ouvidos
abalou meus amparos

minha figura desfeita
perdido o brilho do espéculo
: o espetáculo nos olhos
cansa a vista e seca o vítreo

rosto rua figura
face amparos vista vítreo
procuro o seu instante
 atravesso a memória
 penetro olhos e ouvidos
e não consigo ouvi-lo
— o espelho emudecido

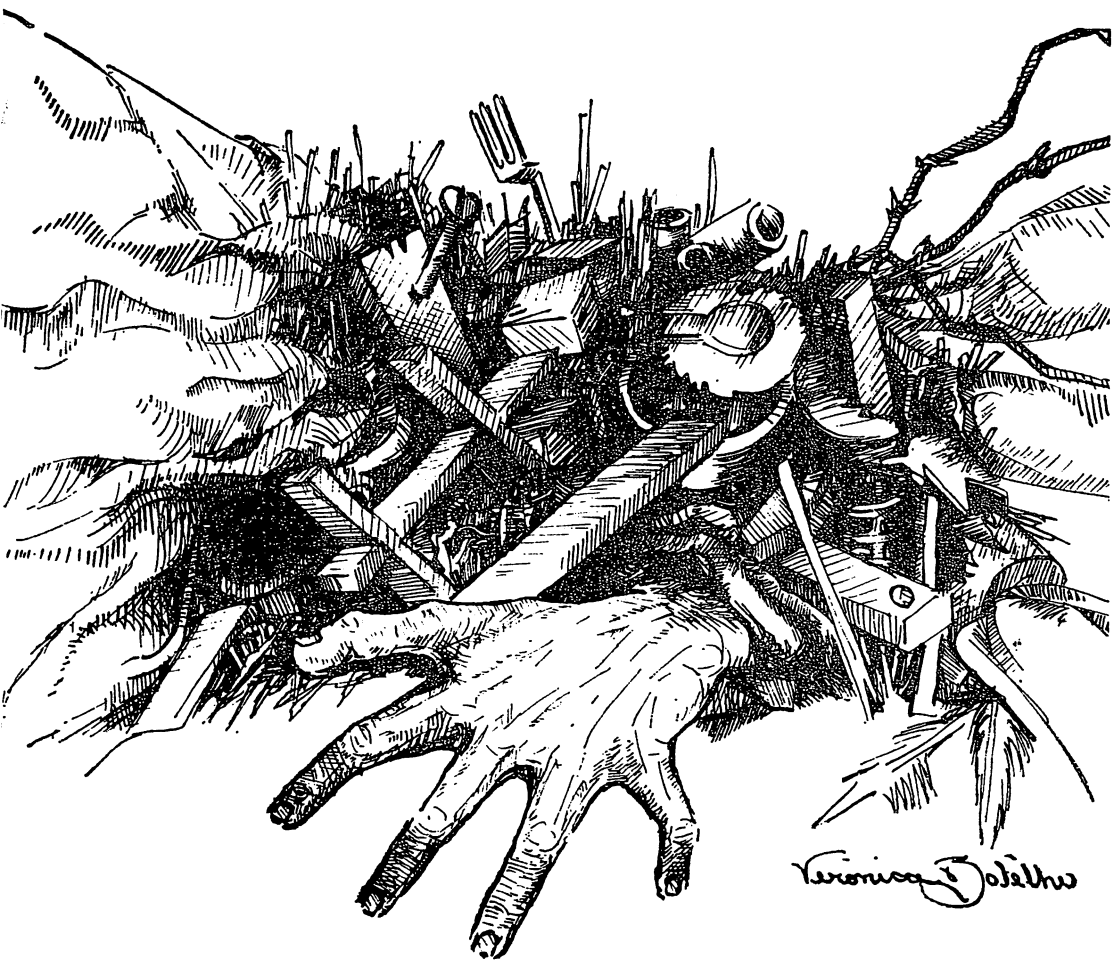
ODE N.º 1

TEOCLÉIA

Maria Consuelo Neiva Pôrto
ICEX — Matemática

pedra após pedra
 construída a muralha
dia após dia
 estendeu-se o tempo
noite após noite
 gerada a eternidade
corpo sôbre corpo
 fêz-se o homem
ódio a pós ódio
 inventou-se o canhão

e pedra após pedra
desfizeram a civilização.
sacudida a ordem
rebelou-se a paz.
antecedida no tempo
a eternidade
foi vertida
no doloroso instante de agora
e corpo após corpo
choraram juntos
a quebra da última ilusão



RL

revista literária

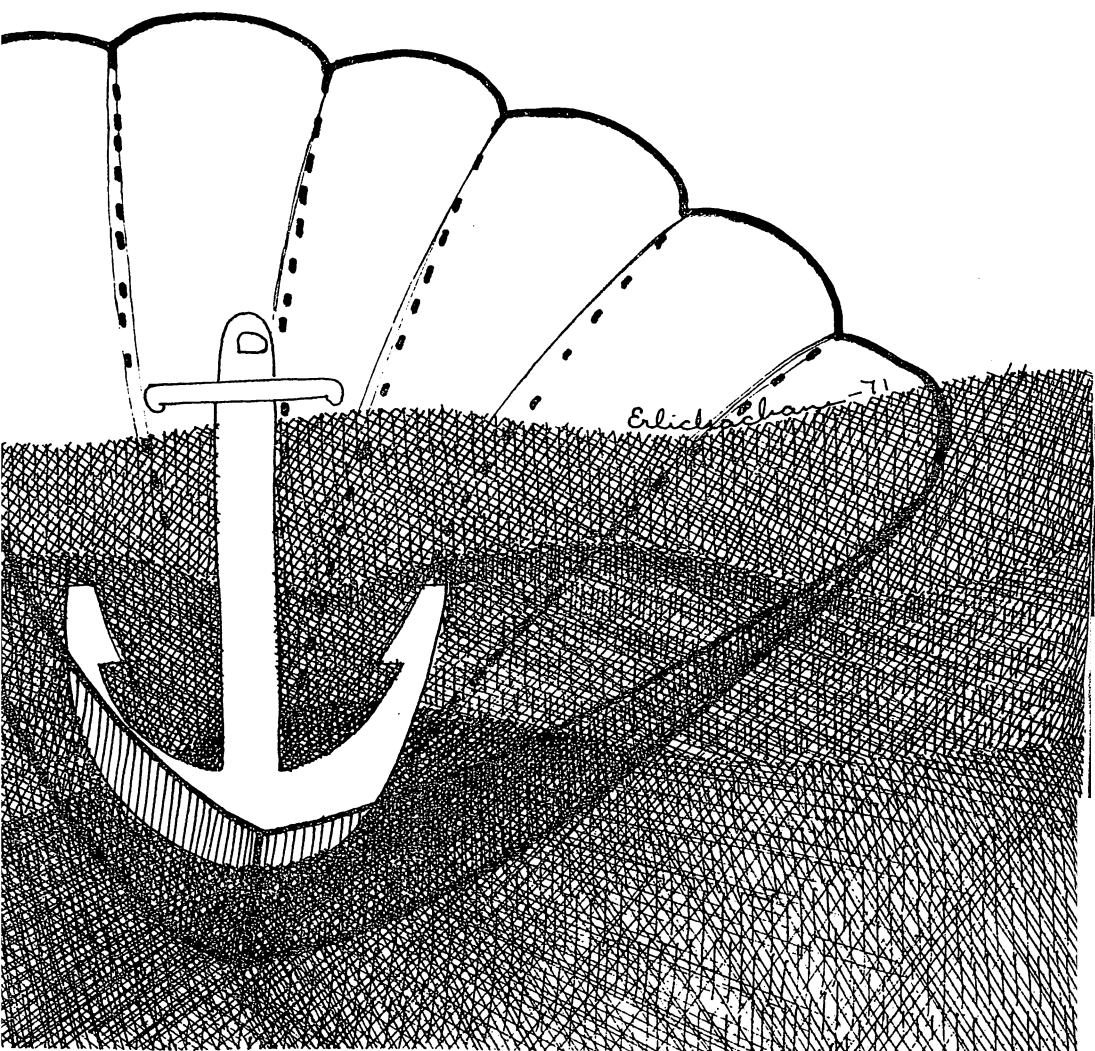
SEGUNDA SEÇÃO

POESIAS

ÂNCORA OU DIÁLOGO EM PROFUNDO

Ronald Claver

)em tua origem meu corpo — concha-
mar manso na areia de tua árvore
MEU CORPO EM TEU CORPO—CONTA— ES-
QUECIDA NO BÓJO DE TEU CHÃO mol-
darei em tuas mãos meu verbo ân-
cora tecida em perdão ESCULPIREI
EM TEUS OLHOS —COMEÇO— ÂNCORA AR-
MADA EM SOLIDÃO vou parafusar em
gestos as grades de teu instante
CAPTAREI EM TEU PÔRTO TUA AUSÊN-
CIA cingirei em manhãs teu barro
AGORA É SUPORTAR A SEQUÊNCIA—PAS-
SOS EM MINHA—TUA AURORA as asas
do negro ávido pássaro AS LÁGRI-
MAS AZUIS DOS ANJOS o vôo o reca-
do o fruto ESCONDEREI NO DENTRO—
MAIS—DENTRO TEU SUOR fixarei em
teu momento minha origem EM FLAS
HE FICAREI EM TUA CONCHA e pode-
remos ficar PODEREMOS FICAR PRÊ-
SOS na mesma conta NO MESMO BÓJO
no mesmo chão(



V Ô O

Ronald Claver

)te gerei com êsse corpo manso
as lágrimas anunciaram tua ma-
nhã A CERTEZA DE AURORA ME CIN-
GIU DE TEU MUNDO TUAS RAÍZES —
FINCARAM EM MINHA LIBERDADE o
vão desligou nossas algemas AS
GRADES ALARGARAM EM PONTES MEU
SALTO SE COBRIU DE VEREDAS nos-
sas amarras se desfizeram nos
teus passos MINHA LIBERDADE GE-
ROU PAISAGENS MINHA INDEPENDÊN-
CIA NORTEOU SOLIDÃO agora é su-
portar a espera no gastar dos
caminhos(

ORAÇÃO

Fernando Sant'Anna Rubinger

eis aqui a mão
leve como pássaro
ou gestos de consôlo
— para minar teu sono

eis aqui os olhos
mansos como ovelha
e esta luz de fé
iluminando teus rumos

eis aqui a face
— sulcada de insônia —
onde refletirás teu riso

eis aqui minha crença
inclinada para o alto
e meus limites humanos

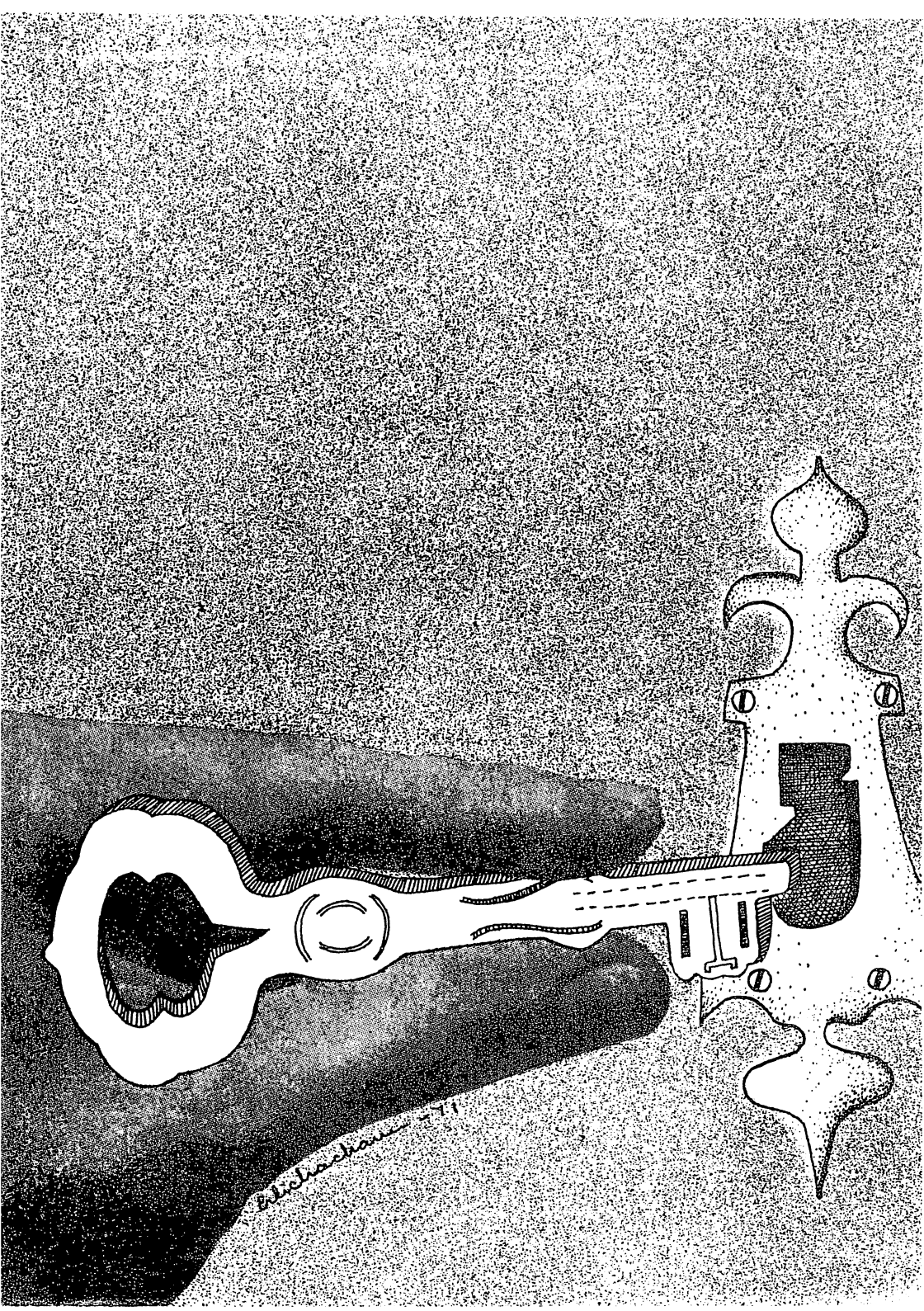
eis aqui minha vida
pórtico ou ruína
à mercê de tua bússola
e do que estava escrito

[illegible]

REL A Ç Ã O

ELIANA NEHMY

a rosa branca entrou-lhe pelos olhos novamente
e tomou conta do seu rosto claro
uma luz estranha irradiava e a bôca
derramou um sorriso môrno e amargo.
olhar de rosa branca, parada no espaço
contido, retido. inexplicável.
as paredes, tôdas se encontrando, o
teto, a porta, fechados; a janela,
sòmente a massa concreta, indevassável
e o desejo incontido de largar,
e o tempo escorreu lento, primeiro
branco, vermelho, alaranjado
o amarelo e a escuridão total.
escuro o homem que se perdeu no tempo
e retornou no espaço, sem voz nem forma.
apenas das mãos o contôrno e a chave
retorcida, da porta, de um espaço
contido entre paredes, portas e janelas,
encontrados, reencontrados na
mente da de-mente.
no quarto o chôro da criança.
a mulher, dorme.



DURAÇÃO

ELIANA NEHMY

A pedra unificada sente
do vento a dor cortante
que se desfaz em brisa,
— dura a pedra, forte o vento —
permanece eternamente
unificada, num sentir-se
perene, individual
em mutação silenciosa, só.
Contemplativa de um infinito
contido, repleto.
Revolta a água; sobe
e envolve a pedra.
Absorção. O vento,
um borbulhar constante.
Movimento único
o orgasmo total.

CONTOS

A HERESIA

WALDEN CARVALHO

— pois é o que eu tô lhe dizem, zé da crioula. aquilo ali num é de deus. tem parte com o diabo. pois num é que o aristide falô que ia lá tirá a cisma e se estrepô, home...! e o aristide é home macho que ocê tá aí de prova. cumé que num ficô o cabocro. tantâzinho! pois é o que eu lhe disse, zé. ocê num deve se metê nessa coisa esquisita. eu sô home véio, tratado na lenha, que todo mundo tá aí de prova e num vô arrumá increnca pro riba da cacunda. óia o quê que eu tô falando. pensa mais de déis veis inhantes de pô o pé naquela casa. o sô cizeno, esturdia...

— sô joaquim, sô joaquim, o sior sabe muito bem que eu sô um home sério e de respeito, criado na religião de deus, nosso sior jesus cristo, e nunca permití, pér de mim umas heresia dessas. zé da crioula parou um pouco e ficou olhando o velho joaquim. queria sentir o efeito daquela palavra: here-sia. o velho piscava o ôlho furado inquieto. coçou o nariz enorme naquele silêncio. o velho joaquim, por um momento, chegou a pensar que realmente, a coisa estava ficando muito séria. era bem capaz de ser alguma coisa como uma heresia. alguém, mais dia, menos dia, ia acabar entrando na casa do finado coronel rodrigues. mas porque é que tinha de ser justamente aquêlê rapaz que êle tinha visto nascer, ajudara a criar dentro das leis de um homem honrado e corajoso. desde que o pai morreu, aquêlê menino tinha ficado sob sua responsabilidade, e exatamente quando lhe nascia o terceiro filho

é que se aventuraria a entrar na casa mal assombrada do coronel.

— pois é o que eu tô lhe dizeno. . . — ia voltar o seu joaquim.

— sô joaquim, eu arrespeito muito o sior, mas já tá dicidido. ô eu entro, ô intão vô carregá pru resto da vida êsse arrependimento de num tê intrado lá. muita gente confia ni mim e eu num vô ficá cum mêdo agora. vão tocando' pra lá.

o velho joaquim amassou o cigarro, jogou a um canto do passeio e seguiu ao lado de zé da crioula. estava fazendo um pouquinho de frio naquele fim de julho. o vento levantava poeira na pracinha. os dois andavam em silêncio. não havia mais nada a dizer. o velho sabia que, se fôsse mais môgo, seria êle a pessoa a entrar na casa. ninguém dêsse mundo o faria desistir. no fundo, estava até um pouco alegre com zé da crioula. isso mostrava que êle tinha aprendido tôda a lição que êle tinha lhe dado. quis perguntar sôbre rosinha. como ia a criança, se êles já tinham pensado no nome. mas não achou jeito de falar nada. a lua estava grande no céu.

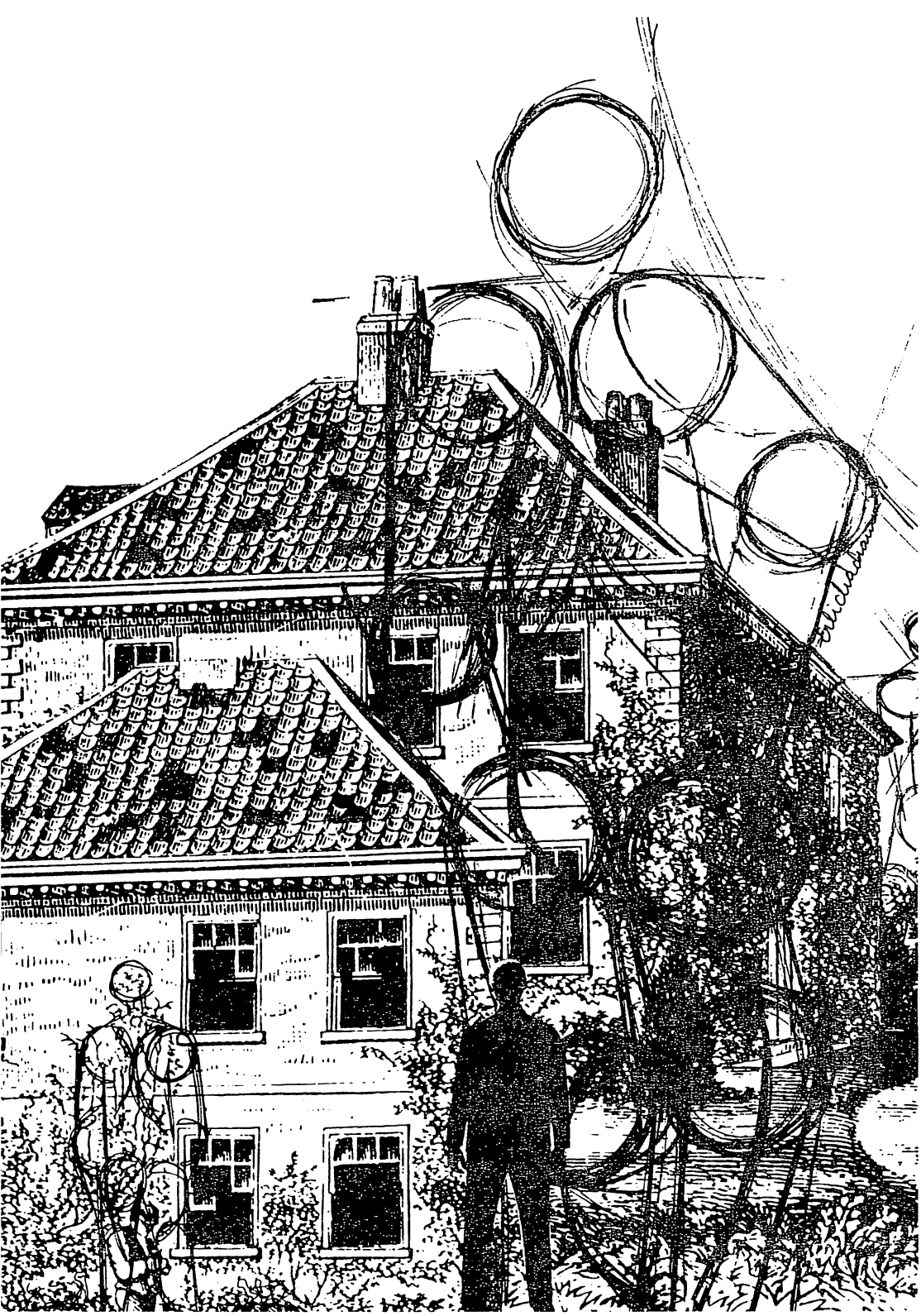
— óia, já tem gente! — disse zé da crioula, meio satisfeito. hoje ia mostrar pra todo aquêlo povo o quanto êle valia. todos os valentes tinham saído com mêdo do casarão. tinham ouvido barulho de correntes, sombras do coronel rodrigues, a casa tremendo como se fôsse cair. mas acontece que nenhum dêles acreditava nas coisas de deus. eram todos uns hereges. chegaram. algumas pessoas cercaram zé da crioula.

— zé, se eu fôsse ocê eu num ia. ó que tem gente jurano que a casa cai antes da primeira chuva.

— pois é senhor josé — era o padre tomás que recomendava, batendo no ombro dêle — pôr que que o senhor vai se arriscar tanto por uma coisa à toa, a casa está caindo mesmo. o senhor não acredita nessas coisas de fantasma, não é senhor josé?

— é sim sior, seu padre — respondeu meio sem jeito zé da crioula. gozado, sempre ficava sem jeito perto do padre. chegava a gaguejar algumas vêzes.

— pois então, senhor josé. o senhor entra lá, não acontece nada. quando o senhor sair, vão todos falar que os fantasmas



não apareceram por causa da quantidade de gente que estava aqui fora. então, vai adiantar alguma coisa? o senhor vai só se arriscar. a casa está muito velha, pode cair a qualquer momento...

— zé!!! — era a voz de rosinha que aparecia na praça. o povo se afastou para lhe dar passagem. estava pálida e o suor lhe escorria pelo rosto. — ocê vai fazê uma bobagem dessas porque zé? pá prová que ocê é macho, é? pra todo mundo daqui saí dizem que ocê é o único home da cidade, zé?

— ocê num divia saí da cama, rosinha. ocê tá de resguardo, muíé. isso fais má e eu cansei de te falá. — estava começando a ficar zangado com ela. mulher só serve pra essas coisas. atrapalham tudo. bem na horinha... — eu sei o quê que eu tô fazeno, num me apurrinha.

era a primeira vez que êle falava assim com ela. ela ficou olhando sem dizer nada. depois explicava tudo pra ela e ia acabar tudo bem, tinha certeza disso.

— mais zé...

— tô dididido, pronto! já vô! seu joaquim, segura rosinha. seu joaquim pegou no braço dela com fôrça.

— num adianta rosinha, o home já falô qui vai, é mió dexá.

— e se isso caí em cima docê, zé?

— num tem pirigo não, rosinha. isso num vai caí justo na hora que eu tivé lá dentro... — já estava descendo pelo antigo jardim da casa do coronel rodrigues. era um sobrado já quase todo sem rebôco. em cima estava faltando um punhado de telhas, as crianças se divertiam jogando pedras em cima da casa. só pra ouvir o barulho das telhas se quebrando.

— senhor josé, acho que o senhor não devia... — era o padre que também segurava o outro braço de rosinha.

zé da crioula já havia entrado. não ouviu o que o padre tinha dito. de qualquer forma, não ia fazer com que êle voltasse dali. rosinha ficou olhando. um silêncio enorme cercou todo mundo lá fora. a casa, o jardim. o vento fazia redemoïnhos na pracinha e a lua boiava como um morto no céu...

TRILOGIA COM MÁQUINA A VAPOR, ETC.

DUILIO GOMES

Janeiro nos territórios do HP

De manhã vejo a máquina. Sonâmbulo, vejo a máquina. Fezes e sangue — vejo a máquina. Grito e orgasmo; vejo a máquina. Vômito e delírio nos olhos redondos, lívidos, estriados, mornos e dormentes do tigre. Vejo o tigre no volante do MGB-GT 68, nos porsches, no Ford GT 40, na Lola, no Camaro, nas 217 voltas do mustang, no protótipo de Herrman, nas 2.000 cc do M. G. Hidget, na pista de Sandown Park, no aceno de Jim Clark, no circuito de 3.200 metros de Surfers Paradise. Vejo o tigre, respiração e patas, na grande classe a preço módico do MGB-GT, no torque, potência e freios do Puma II, no estado impecável do motor da Bugatti, na lanterna traseira do Hispano Suiza, no Rolls Royce Silver Ghost 1914, na alavanca de câmbio do buggy, na largada dos karts, nos Mirage-BRM, nas 24 horas de Les Mans, na versatilidade do VW. Batman boiando na manhã a luz e a explosão das côres, as nuvens gordas sobre Batman, o azul enrugado sobre as nuvens gordas que encimam a luz que encima Batman; Batman e a fonte de eletricidade, a máquina a vapor, as células de combustível, o telefone visual, os robôs, as salamandras, o bebê de proveta, a niquelação de metais, o disco voador, as outras galáxias, o espírito de Júlio Verne, o sonho antigo cheio de crepes e vermes, a tarde cinza, a noite chuvosa, os

Vostoks em órbita lunar, a viagem sideral, as puras análises matemáticas, os mísseis, os computadores, o rock, Ravi Shankar e Bob Dylan, os hippies, jeans e jaquetas, os grilos, Lennon e a máquina de consumo, os gurus, os lúcidos e os serenos, os escapismos pelas drogas, Woodstock & Vietnã, Biafra & Paquistão, barra pesada & pandeiros nos colares, cabelos e brincos de um bilhão de jovens sentados olhando o mundo nos tambores da década de 70. Araucária, folhagem de bronze com espinhos — do Chile Neruda contempla as guitarras elétricas, o amor e o ódio, os motores de pôpa, as palhetas de reação, o amplificador de estágio, o pistão de membrana, o eixo, a lagarta-rôscia e os percevejos. Perplexos habitamos um mundo com as entranhas à mostra.

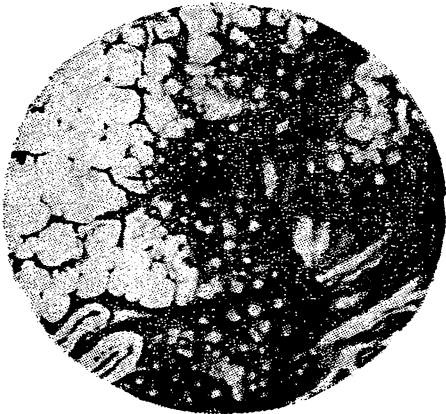
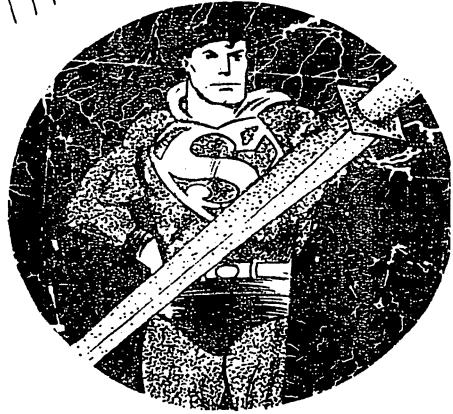
O espírito das trevas, lixo e escarro na avenida às duas da madrugada, vento e papéis, o horizonte dos anúncios luminosos que se apagam, a madrugada batendo dentro do peito, a maconha, a fossa, o sangue, o pus, a miséria, a dor, o fim do mundo, os caracóis invadem a América do sul.

O câncer coça o umbigo do meu tio

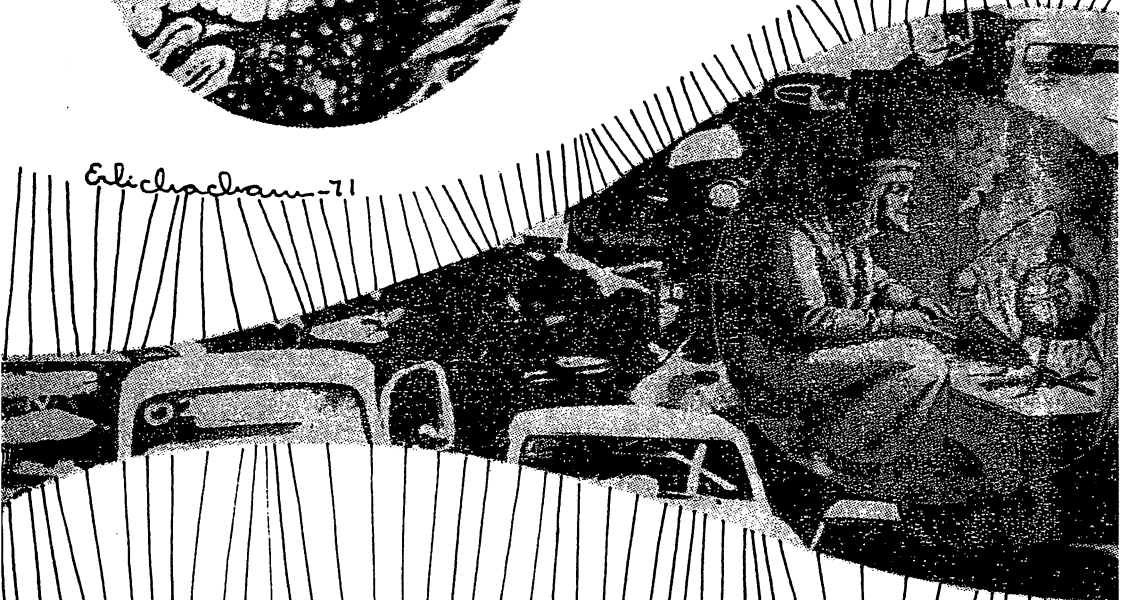
De madrugada eu saía para comprar comprimidos na esquina para que ele pudesse dormir. A dor de cabeça dele não deixava que os cães dormissem também. Ele fazia assim ahahahahah e depois assim uhuhuhuhuh e então os cães latiam e eu jogava pedra nêles e êles latiam e eu jogava pedra nêles e êles latiam e eu jogava pedra nêles e êles latiam e eu jogavapedranêleseêleslat.

Explicação teórica das fontes voclusianas

O anjo elétrico desce do sótão, o anjo elétrico com os seus mil olhos em brasa, o exterminador, o super-homem com o peito aceso e a espada de dois metros na mão de ferro. O anjo desce e me fita. E nos fitamos como dois centauros luminosos e cegos e é como se tudo isso fôsse uma antiga fotografia colada na floresta de lanças de uma falange macedônica. Dentro do seu olho magro vejo o corte da turbina e o sêlo



Erichachan-71



de Albert Einstein. Como vejo o desfile dos séculos e o frio, brilhante e redondo satélite artificial de sua língua indo da úvula ao epiglote e do epiglote à úvula. Vejo as pradarias, estepes e desertos da Rússia, os deuses vikings, o equinócio, o bigode de Henry Ford, as borboletas gigantes do Peru, o Clã da Tartaruga Vermelha, a artéria carótida de Mary Lee, o radiador de um carro não identificado, uma estação telegráfica invertida numa luneta e, sobre tudo isso, centenas, milhares de topázios, feldspatos, safiras e turmalinas incrustados no fígado da África. O anjo elétrico me fita numa superposição de côres. E, daltônico, vomita: a luz branca, as côres do espectro, os raios incidentes e os raios refletidos, a intensidade da iluminação, as células fotoelétricas, as sombras não definidas, a luz puntiforme, a velocidade da luz, os espelhos girantes, o rádio interferômetro, as ondas estacionárias e a imagem virtual. Permaneço imóvel diante d'Ele. Que, translúcido e frágil, bóia nas zonas térmicas do seu próprio halo. E chove.

DOS VELHOS PAPEIS

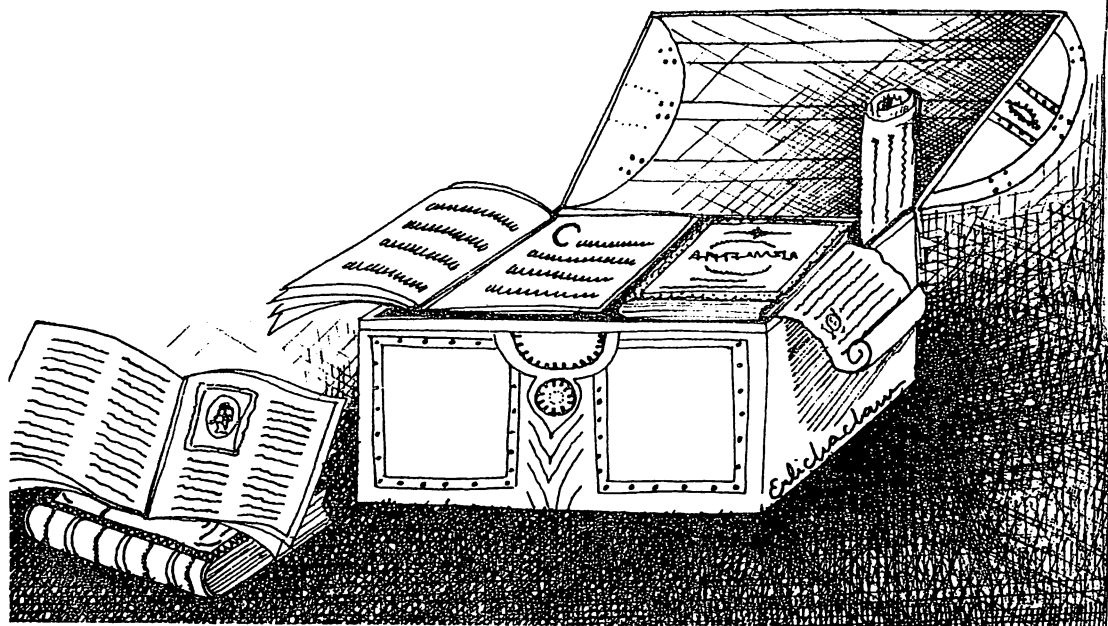
Plínio Carneiro

No salão do Correio de Minas a turma sem o que fazer, as páginas na oficina: Mitre, Gabeira, Samuel, Arantes — todos à procura de um programa comum. Daí a pouco surge a idéia, não um programa: redigir uma página do jornal com as notícias que todos gostariam ter acontecido. Cura do câncer, homem desceu na lua, Bela Vista campeão brasileiro. Eram oito cabeças a pensar, oito destinos a se movimentar. Valeu a pena, Mitre? Será que valeu?

A imagem que o espelho me devolve não é a que eu gostaria de receber. Aqui e ali as coisas mudaram, para pior. Pena que êle não reflita o eu interior que, caramba, como vem se portando diferente nos últimos tempos.

Você sabia que Calíope é a deusa da poesia épica e da eloquência; Melpome, da tragédia; Talia, na comédia; Polimnia, da poesia lírica; Erato, da poesia erótica e da elegância; Clio, da história; Terpsícore, da dança; Euterpe, da música; Urânia, da astronomia? Nem eu.

Na visita ao baú velho, um mundo de brincadeiras de criança, de rapaz, de homem quase feito. Aqui, uma carta dirigida a mim mesmo “para você meditar”; agora uma crô-



nica com os melhores e mais grandiloqüentes lugares-comuns; olha lá uma oração “pela paz de espírito” e outra contra o “egoísmo”. Eu, hem Rosa?

A cada hora que passa mais me convenço da inutilidade de ser. Ser alguma coisa, falsa ou verdadeiramente.

Da janela viu, no vai-vem da rua, um vulto recortado no asfalto. Os dois olhos preguiçosos procuraram uma sombra mais atraente que prendesse sua atenção. No rodízio dós personagens sentiu que algo interior o induzia à visão do vulto primeiro que, parado à beira da calçada, não se decidia por rumo algum. Quem será, perdida na massa impessoal e estúpida que passa sem se ver? Um sentimento de solidão se trans-

mitiu da sombra para a outra sombra à janela. Tentou alcançar ao longe uma paisagem que levasse sua atenção. Que nada. Seus olhos ficaram presos à sombra junto ao poste. Eternamente.

Jovem, diga à sua irmã que ponha mais açúcar em nossas relações, pois de amargo basta a vida.

Quem disse? “As mulheres resistem a mil propostas de mil homens diferentes, mas não resistem a mil propostas de um mesmo homem”. E quem disse também? “As mulheres fáceis são as mais difíceis”.

No colégio, cansado. Matemática, Português, Contabilidade. Saiu da sala e atravessou a rua — hoje não queria nada com os livros: foi andando. Viu que estava longe e fechou os olhos. Acenou para um ônibus qualquer. Foi vendo as casas, sentindo uma vontade esquisita de chorar, só porque êle era êle e não um outro qualquer. Desceu do ônibus quando lhe deu na telha e entrou num bar. Ali era perto da casa de uma ex-namorada, rua Limóeiros. Pediu uma batida de limão e uma cerveja. Fechou os olhos e se perdeu, veio a vontade de chorar e de se encontrar, de encontrar alguma coisa, talvez a si mesmo. Escreveu numa fôlha do colecionador “tem hora que o homem fica assim e pensa”. Parou; alguém o observava. Sentiu vergonha e fingiu que estudava. Parecia que todo mundo estava a reparar seus gestos. Era sempre assim — deve ser complexo de alguma coisa. Quebrou um copo — a vontade de chorar aumentou. Tentou. Nada. Engasgou-se com seu esforço. Olhava e não via nada. Tinha passado muito tempo. Jogou fora o que escrevera. Fêz uma bola com os papéis e atirou lá no meio da rua. Bobagem. Alguém iria achar, desembrulhar e achar graça nas bobagens escritas. Pagou a conta, não cobraram o copo. Pegou os livros e tomou um

ônibus. Foi embora, ainda sem saber o que procurava e sem conseguir chorar. Entrou no cinema para assistir um filme italiano. Engraçado à beça...

Que meus filhos sejam filhos de pais ricos...

Trem bom é coisa boa, coisa boa é bondade e bondade é o que lhe falta, ô mulher...

Água mole em pedra dura tanto bate até que molha a pedra toda. Depois espirra longe...

Candor extinto de minha juvenildade pueril. O descontínuo estridular da vida me fêz escalar os altos cumes dúltegos das vicissitudes. O êxodo secussou meus alicerces, fêz com que o agir indouto pontilhasse minha existência. Fêz com que a onzenice dos sedentários e dos abnegados inimigos do viver pusesse na lama minhas esperanças, meus sonhos cheios de sonhos infantis. A dúbia mussitação dos achegados não trouxe calor e qual um zumbi caminhei pela veiga a fora, a procurar alhures uma alma gêmea. O que se perde não se reconquista intato; ainda e sempre haverá o estigma da passagem impura dos toques deicidas. Vamos por êste mundo torto.

Uma dúvida me faz parar: não sei se será branco ou preto.

Uma certa moça me disse, ontem à noite, que me odiava. E começou a chorar. Eu retruquei que ela devia estar embriagada ou afastada de Deus.

Mas chore, menina. Pois quem não tem capacidade para chorar, também não a tem para odiar. Ou para amar.

Sei muito bem de onde vim, onde estou e para onde quero ir. Só não irei sozinho. Se você quiser ir comigo, bem; se não, amém.

Eu conheço este lugar. Alguma vez em minha vida eu vi este lugar. Não sei se foi em um filme, em uma revista, mas tenho a impressão que já participei deste quadro. Será que foi em sonho, em outra encarnação ?

Olhai, neném. Ontem mesmo eu joguei fora meu passado com você. Cansei-me dessa posição ansiada, dêsse constante receio, até da imagem que você me devolve quando eu consigo levantar a cabeça.

E o pobre, hem? Tem até filosofia popular. O zé povinho, depois que a tal mínima parcela de miséria o equiparou por cima e por baixo, passou a filosofar. Pobre não nasce, aparece; pobre não toma banho, descasca; pobre não almoça, engole; pobre não dança, marcha; pobre não soluça, arrota; pobre não casa, junta; pobre não anda, tropeça; pobre não vive, vegeta; pobre não dorme, desmaia; pobre não morre, descansa.

Olhai, Bernard, como é que você foi dizer isto: "Se você não pode alcançar o que quer, agarre o que puder".

Julgo estar compreendido que não significamos nada um para o outro, significamos em relação a nós mesmos. Passamos do individualismo para afundar em nossa própria ambi-

valência. E isto numa hora em que é muito mais importante a gente ser ajustada, muito mais do que ser super-dotada.

Ô, sô. Eu queria encher meus olhos de você, mas vi que você tem um compromisso no dedo anular.

Minha mãe tem dois olhos que me seguem onde quer que eu vá. Ma mére tem duas mãos que nunca me negaram carinhos — e logo eu, que quase nunca os provoquei, que egoísmo. Minha mãe tem o coração dêste tamanhão, que de tanto bater por mim quase parou uma porção de vêzes... Mãe, olhai, deixe que eu ocupe sempre o espaço vazio que existe sempre para mim em seus braços, vamos recuperar o tempo perdido com muitos abraços. Deixe que eu lhe passe a mão na cabeça, lhe cate cabelos brancos a trôco de um sorriso seu. Ah, mãe, a gente tem que recuperar o tempo que a gente não usou em abraços bem apertados, de cabeça em seu colo. Vê, mãe, que a gente até chora quando pensa que a gente não se beijou o suficiente.

Os burros e os gênios enchem.

De uma tez deslumbrante, vivia sua vida sem glória para morrer sem júbilo. Era esdrúxula, bamboleante, pastosa, bruxuleante. Cabisbaixa, meditaunda, taciturna, sorumbática, mefistofélica e espiroqueta. A prol dos males, andou por aí, despercebida. Manchetas não marcavam a ausência de seu cabedal de louros, dando à sua bôca o gôsto insosso dos alijados. Sujeitos roufenhos, atrabilários e pertinazes, em estado desastroso, davam ordens sucintas a que se limitasse à sua vida hieroglífica. Mas eis que, um dia, chegou o aviso peremptório de que a morte rondava sua enxêrga: os traços fisionômicos da ceifadeira iam-se desenhando por detrás das veladas portas que batiam ininterruptamente. O proceder furtivo dos ache-

gados mostrava que a vetusta árvore iria deixar de sombrear, simultâneamente, a ela e aos seus animais particulares. Retirou-se então à vida particular, já que não percebia a complexa comiseração do Direito. Leu Marco Polo, Antologia do Não, Queda da Juta e outros.

Casamento, alimento, aumento. Casa, asa, ca. Canto, santo, manto, lento, vento. Pensamento, passamento.

Dinheiro, di-nhei-ro; dinheiro grosso, dinheirama. Para se fazer quelque chose, il faut di-nhei-ro. Para o chôpe bem espumoso, dinheiro; para a mulher conquistar, dinheiro, di-nhei-ro, dinheirama. Eu preciso de dinheiro, preciso muito. Para tudo, para o sonho, pelo sonho, preciso muito de. Alguém tem algum para me dar? Não tenho e nem acho dinheiro na rua. Tô numa necessidade única de dinheiro; para até sair daqui preciso de dinheiro; ir ver a mulher amada, dinheiro. O ônibus me cobra, o garçon me cobra (se eu não fôr no bar antes como é que vou arranjar peito para falar coisas bonitas, hem? hem?). Dinheiro para levar flôres, se eu fôsse de levar flôres; dinheiro para levar pelo menos meu cadáver até a amada. Onde buscar dinheiro? Na Loteria Esportiva? na porta da igreja? Onde, hem, me informe urgentemente, já que preciso, rápido, de uma parcelinha à toa de dinheiro, de um dinheirinho.

Um caso muito interessante passou-se comigo hoje. Não o relato para não caceteá-los ainda mais.

O que você me diz sôbre a imortalidade da alma? E sôbre a remissão dos pecados? Sôbre a crise interna do Paquistão; sôbre a situação financeira dos aborígenes calabreses? Sôbre a influência de um galho sêco na vida social do macaco?

Se você não me der o sim, afogar-me-ei num mar de lágrimas e auto-críticas.

Bobagem a gente se sentir tolo ao contar, de bonde, as pilastras do muro do D.I., coisa que nunca consegui. São 97 pilastras ou 107? E a minha rua Extrema, extremo de um imaginário amor estrangeiro, extremo de uma infância: as brigas no adro da Igreja do Calafate. As brigas, os rôlos, as barraquinhas, a voz que cantava Cubanacã. Deitados no colo de Lêda, eu e Murilo ouvíamos o rádio do vizinho: "Ah, Pam-pulha, cidade moderna, que muita gente orgulha". Infância longe, tão longe que não a sinto mais aqui, perdida que foi nas desilusões que eu próprio construí — pau a pau, pedra a pedra, cimentadas pelo meu egoísmo. A bola que minha avó não me deu; eu não ter podido andar a cavalo sozinho. Pois eu já estive aqui, em sonho ou na vida real. Conheço mesmo estas frinchas na parede, embora nunca tenha passado nem por perto desta casa.

Tenho muita pena de você, Guta. Você anda dizendo que um porre seu matou um amigo e que este amigo não voltou para reclamar, gostando de ter morrido, pois morreu de cara boa. Pois no dia de sua morte tomarei minha cerveja com as lágrimas que, certamente, derramarei. Tenho pena de que você tenha que ir para o inferno, beber cerveja quente e tirar o gosto com brasas.

Uma situação azul não me conforta. Conforta-me saber que o sentimento é incolor.

Estamos justos e contratados. Você de lá e eu de cá. Um ribeirão passa no meio; você de lá dá um suspiro; eu de cá, tibum, dentro d'água.

Feliz era meu avô: não se preocupava com barulhos no céu.

Não faças isto, rapaz. Não vêes que ela é aleijada da alma?

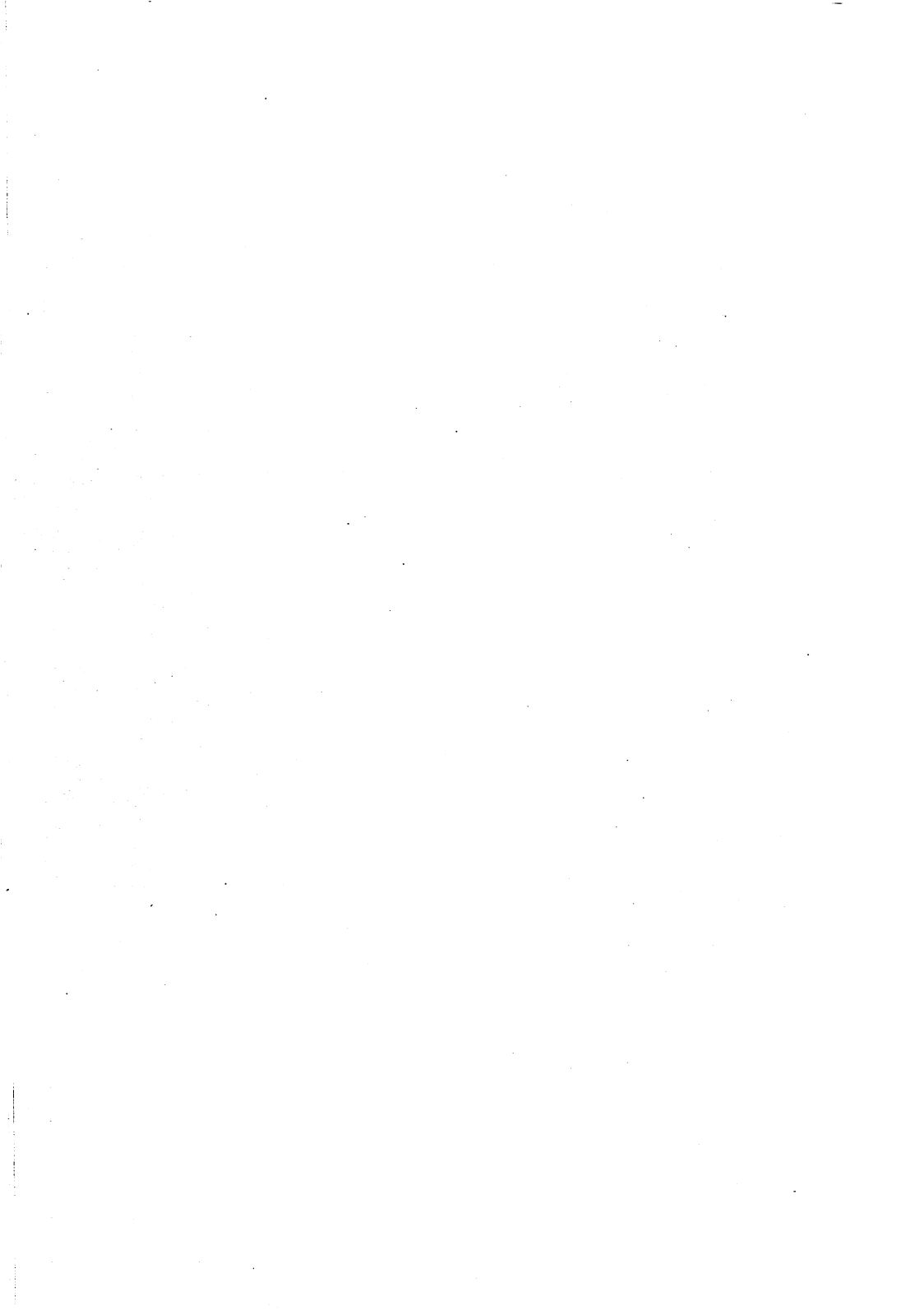
Você vai indo, ficando, subtraindo, multiplicando, passando por cima: chega então a hora do balanço — A comparação do deve e haver, do bem somado, do mal subtraído. Aquela música era mesmo a que você queria ouvir? aquêlê beijo tinha mesmo o gôsto que você procurava? aquêlê tudo era mesmo tudo ou era apenas um nada com boa aparência?

Hora de balanço não é fim da vida, é apenas hora de se pensar se valeu a pena o desdém, o orgulho, a ensimesmice — êsse egoísmo que sempre afasta os que mais confiam em você. Balanço de quê? se você não precisa prestar contas aqui, o compromisso de acertar os ponteiros lá no alto o exime de colocar na mesa os fatos amealhados na triste vida terrena?

Você conseguiu mesmo aquêlê brinquedo?, aquela independência não era, no fundo, uma dependência?; e como é mesmo que ficou aquêlê adeus, saudades maiores e menores? E as faltas para com você mesmo? Como é que ficam? Em que lado? No deve ou no haver?.

Hora de balanço é hora de fim de tempo, prestar contas ao fisco pessoal, ver se é assim mesmo que você queria, ver onde houve falhas e acertos — no fim dá tudo no mesmo: o saldo credor ou devedor cai em exercício findo e de nada vai servir para você continuar ou mudar.

ENSAIOS



PEQUENA INTRODUÇÃO AO ROMANCE GÓTICO

Walden Carvalho

O mais poderoso e irresistível impulso humano é o medo. Dentro dêle, trazemos a contradição básica de toda a estrutura social. O perigo, a desconfiança, a imprevisibilidade dos acontecimentos que determinam o grau de segurança do indivíduo. O sentimento de insegurança e impotência humana diante do meio, é o fato básico de toda a evolução humana. O medo sempre impulsiona o indivíduo em linha reta, porque supor o contrário, seria acreditar na possibilidade de um retrocesso evolutivo que contraria o processo de desenvolvimento temporal. O processo temporal pressupõe um acúmulo progressivo de informação e experiência que são, em última análise, o fator básico da evolução.

O romance Gótico está inteiramente ligado ao que Coleridge chamou de "supressão espontânea da incredibilidade" do leitor, e a isso deve parte de seu sucesso. Como compensação, o Gótico desenvolveu a descrição de cenários e ambientes, que atingiu o máximo do requinte em Ann Radcliffe, como mais tarde veremos.

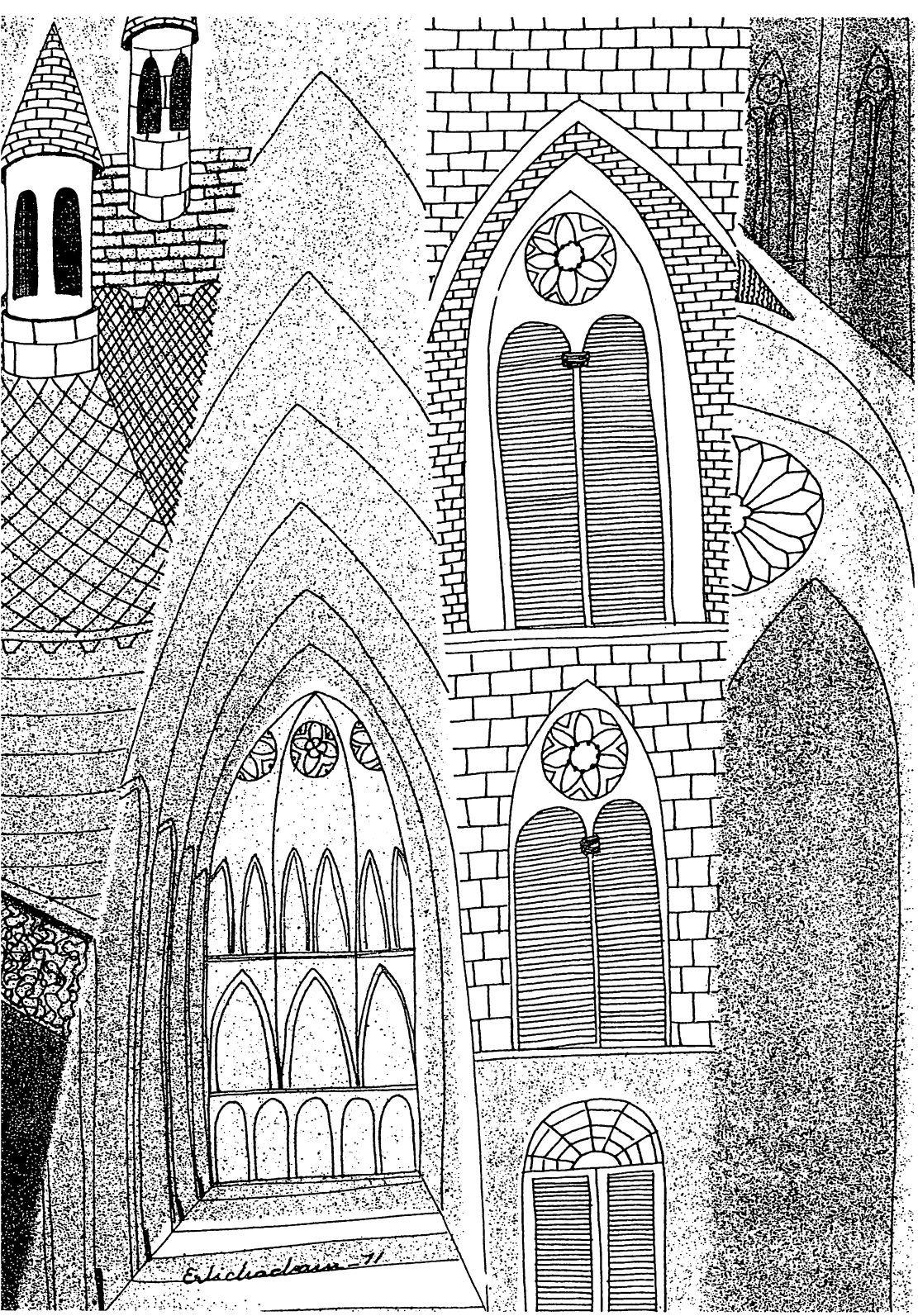
O gênero, conhecido na Inglaterra como Gothic Romance, Roman Noir na França, e Shanerroman na Alemanha, apareceu na segunda metade do século XVIII como uma reação ao racionalismo e que já podia ser sentida em Ferdinand Count Fathom, de Tobias Smolett, que lembrava o melodrama Jaco-

biano e Elizabetano. Roberto Donald Spector¹ menciona outras formas de inquietação anti-racionalista que precederam o Gótico, como “a Greveyard Schoól de poetas, criada sôbre os mistérios da existência; as recriações românticas do passado pelos antiquários nas coleções de baladas dos lendários Ossiânicos de Percy e Macpherson; e o interêsse revivido nos romances de Tasso e Ariosto foi recoberto de respeitabilidade pelo sério trabalho das Letters ou Chivalry and Romance, de Bishop Hurd”.

Alguns fatôres precisam ser considerados para a compreensão das origens do romance Gótico, e entre êles está o poderoso movimento das sociedades secretas da segunda metade do século XVIII, com os espetáculos de terror das lojas maçônicas numa época de decadência e que, segundo Carpeaux,² estava “transformada em conventículos de charlatães e de iludidos que pretendiam (ou fingiam pretender) reformar a Humanidade”. Espetáculos de intimidação de diversas origens criaram o ambiente ideal para que surgisse o romance Gótico. Carpeaux observa muito bem que “é evidente que o “ocultismo” do século XVIII e o gothic romance também podem ser interpretados como movimento esteticista ou pseudo-esteticista, reação de cansaço contra o racionalismo e o utilitarismo que dominavam a sociedade; pois a alta burguesia já participava, de certo modo, do poder. Resta explicar por que o público pequeno-burguês aceitou àvidamente o nôvo gênero. Esse público também reage, à sua maneira, contra os princípios morais, racionalistas e utilitaristas, que são os da grande burguesia. Prefere os valores estéticos e “estéticos” da aristocracia que continua a admirar. Prefere, às casas comerciais, os castelos. Mas êsses leitores são protestantes, imbuídos de religiosidade quietista: o passado medieval e os países católicos inspiram-lhes horror”. O pavor das coisas desconhecidas, as

1. Introdução de *Seven Masterpieces of Gothic Horror* — Bantam Books — New York — Abril de 1970.

2. *História da Literatura Ocidental* — Otto Maria Carpeaux — Volume III — Edições O Cruzeiro — Rio de Janeiro — 1966.



superstições e a pouca noção do catolicismo fêz dos ingleses os leitores ideais dos romances góticos. Os romances góticos passavam-se sempre em países católicos.

Os críticos do Gótico têm se mostrado de uma inconseqüência completa ao pretenderem analisar um mundo irracional e de pesadelos, por processos racionais idênticos aos que empregam na análise da literatura convencional (convencional em relação ao onirismo do Gótico).

Os monstros, fantasmas e enígmata do Gótico sobreviveram ao gênero, incorporados à *space ópera* e ao romance policial, depois de passar por Frankenstein e pelo psicologismo de Melmoth the Wanderer, que impressionou profundamente Balzac, Victor Hugo e Baudelaire.

Segundo notou Michael Sadleir, nenhum romance popular posterior ao Gótico ficou livre de sua influência.

O primeiro romance Gótico foi "The Castle of Otranto" (1764) do aristocrata Horace Walpole,³ o maior epistológrafo da língua inglesa, filho de Sir Robert Walpole. Walpole dizia que era necessário que se liberasse as "grandes reservas de fantasia, infelizmente amaldiçoadas pela vida comum". A primeira edição de "The Castle of Otranto", apareceu anônima. Walpole se escondia, inseguro quanto à reação da obra, e as primeiras palavras do prefácio da primeira edição, eram: "The following work was found in the library of an ancient Catholic family in the North of England. It was printed at Naples, in the black letter, in the year 1529". "The Old English Baron" (1777), de Clara Reeve⁴ foi que realmente deu forma ao Gótico. Temendo a potencialidade criativa da obra, mudou o título primitivo, *Champion of Virtue*, a *Gothic Novel*, para que pudesse dar mais força a um pretenso elemento "histórico". O terror ficou em segundo plano. A tentativa de dida-

3. Horace Walpole (1717-1797) — *Catalogue of the Royal and Noble Authors of England* (1758), *Anecdotes of Paiting in England* (1762-1771), *Letters* (1732/1797), *The Castle of Otranto* (1765).

4. Clara Reeve (1729-1807) — *The Old English Baron* (1777), *The Progress of Romance* (1785).

tizar os romances góticos não ficam apenas em Clara Reeve. Walpole também teve a mesma intenção. A didatização do Gótico ia de encontro à máxima de Walpole, de que a literatura devia divertir e instruir. Os romances sentimentais contribuíram muito para o Gótico, mais que os romances históricos, por fornecerem o tema de amor romântico que ajudava a legitimar e equilibrar o terror.

Ann Radcliffe,⁵ com *Mysteries of Udolpho* (1794), que Coleridge chamou de “o romance mais interessante escrito em língua inglesa”, foi quem melhor explorou o que poderíamos chamar de “background medieval”. Radcliffe aliou o romantismo ao racionalismo e deu explicações aceitáveis para os fatos sobrenaturais de suas obras.

As tentativas de explicação de fatos sobrenaturais mal sucedidas são responsáveis pelo ridículo que há no gênero. Foram a tumba de muitos escritores do Gótico.

Spector, comentando Radcliffe, diz que “o apêlo à razão não foi o que fez Ann Radcliffe popular. Para uma era que procurava evasão das atividades mundanas de todos os dias ela trouxe uma forma de escape respeitável. Ela uniu terror e beleza. Se o leitor sentia-se mal enquanto se divertia em libertar impulsos sádicos ou masoquistas, era confortado pelas paisagens de esplendor cênico, pela moral no fim, e pela certeza do realismo e razão”.

A influência de Radcliffe poder ser sentida em Matthew Gregory Lewis,⁶ com o famoso *The Monk* (1796) que abalou o Gótico, levando-o à sobrenaturalidade mais crua possível. Era a história de um monje espanhol, com casos de incestos, estupro e crimes. Lew foi tão perseguido pela “imoralidade” do texto, que mais tarde teve de rever algumas cenas. No comentário de Spector, “mais que qualquer outro romance,

5. Ann Ward Radcliffe (1764-1823) — *The Mysteries of Udolpho* (1794), *The Italian* (1797), etc.

6. Matthew Gregory Lewis (1775-1818) — *The Monk* (1795), *Tales of Terror* (1799), *Tales of Wonder* (1801), *The Bravo of Venice* (1805), *Mistrust* (1808).

The Monk caracteriza a rebelião contra a autoridade que a Revolução Francesa e o subsequente Reino do Terror deram expressão política e social na França". The Monk abalou toda a crítica. É um pesadelo erótico que separou profundamente Lewis de Ann Radcliffe e os romancistas do século XIX. John Berryman diz que "The Monk é um dos prodígios da ficção inglesa, um livro que apesar de várias crueldades, é tão bom que mesmo depois de um século e meio é possível ser considerado não historicamente". The Monk influenciou tanto a literatura subsequente que são raras as ficções sobre o assunto que não trazem a sua marca.

Nos Estados Unidos, Charles Brockden Brow⁷ introduziu o Gótico, com *Wieland, or the Transformation* (1798). Não foi feliz na explicação racional de alguns detalhes, como: morte por combustão espontânea, assassinatos sem sentido e vozes misteriosas, mas chegou a influenciar seriamente Poe, criando as condições para o aparecimento do romance policial. Os últimos grandes escritores do Gótico foram Wilkie Collins,⁸ Robert Louis Stevenson⁹ e Sheridan Le Fanu.¹⁰ Impossível

7. Charles Brockden Brown (1771-1810) — *Wieland, or the Transformation* (1798), *Ormond* (1799), *Arthur Mervyn* (1799-1800).

8. William Wilkie Collins (1824-1889) — *The Woman in White* (1860), *Armada* (1866), *The Moonstone* (1868), etc.

9. Robert Louis Stevenson (1854-1894) — *The Pentland Rising* (1866), *The Charity Bazaar* (1873), *An Appeal to the Clergy of the Church of Scotland* (1875), *Picturesque Notes on Edinburgh* (1878), *An Inland Voyage* (1878), *Will o' the Mill* (1878), *Travels with a Donkey in the Cevennes* (1879), *Deacon Brodie* (1880), *The Pavilion on the Links* (1883), *Silverado Squatters* (1883), *Thrawn Janet* (1881), *Treasure Island* (1883), *Virginibus Puerisque* (1881), *Familiar Studies of Men and Books* (1882), *New Arabian Nights* (1882), *Admiral Guinea* (1884/5), *Bean Austin* (1884/5), *Robert Macaire* (1892), *The Dynamiter* (1885), *Prince Otto* (1885), *A Child's Garden of Verses* (1885), *The Strange case of Doctor Jekyll and Mister Hyde* (1885), *Kidnapped* (1886), *Underwoods* (1887), *Memories and Portraits* (1887), *The Merry Men* (1887), *The Black Arrow* (1888), *Memoir of Fleeming Jeukin* (1888), *The Master Ballantroe* (1889), *The Wrong Box* (1889), *Ballards* (1890), *Father Damien* (1890), *The South Seas* (1890), *The Wrecker* (1892),

deixar de mencionar: o admirável Frankenstein (1818), de Mary Shelley,¹¹ uma violenta advertência contra o domínio do homem pela máquina, *Der Geisterseher* (1789) de Shiller, e uma obra prima como *Melmoth the Wanderer*, do Reverendo Charles Maturin,¹² escrita em 1820. Maturin aprofundou o estudo psicológico do medo a um ponto que o colocou acima de seus predecessores.

Na mesma linha de Frankenstein estão *The Lost Stradivarius*, de J. Mead Faulkner e *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1866) de Robert Louis Stevenson. Quanto ao *Drácula* (1897) de Abraham Stoker,¹³ ele está por demais ligado ao Policial, e não pode ser simplesmente citado sem maiores comentários. O *Drácula* será objeto de um estudo posterior.

As raízes do Policial não são apenas sentidas no *Drácula*, mas em todos os romances do fim do período do Gótico a que estamos nos referindo.

Across the Plains (1892), *A Footnote to History* (1892), *Catriona* (1893), *Island Nights Entertainments* (1893), *The Ebb Tide* (1894), *Vallima Letters* (1895), *Songs of Travel* (1896), *Weir of Hermiston* (1896), *Fables* (1896), *Saint Yves* (1898), *Letters to his Family and Friends* (1899), *Essays in the Art of Writing* (1905), *Lay Morals* (1911), *Records of a Family of Engineers* (1912).

10. Sheridan Le Fanu (1814-1873) — *Uncle Silas* (1864), *Carmilla* (1871), *In a Glass Darkly* (1872), *The House by the Church-Yard* (1863), *Wylder's Hand* (1864), *Wyvern Mystery* (1869).

11. Mary Godwin Shelley (1797-1851) — *Frankenstein* (1818), *Valperga* (1823), *The Last Man* (1825), *Perkin Warbeck* (1830), *Lo-dore* (1835), *Falkner* (1837).

12. Charles Robert Maturin (1780-1824) — *Melmoth the Wanderer* (1820).

13. Abraham Stoker (1847-1912) — *The Duties of Clerks of Petty Sessions in Ireland* (1878), *Under the Sunset* (1882), *A Glimpse of America* (1885), *The Snake's Pass* (1890), *Cookan Sands* (1894), *The Water's Mou* (1894), *The Man from Shorrox's* (1894), *The Shoulder of Shata* (1895), *Dracula* (1897), *Miss Betty* (1898), *The Mystery of the Sea* (1902), *The Jewel of Seven Stars* (1904), *The Man* (1905), *Personal Reminiscences of Henry Irving* (1906), *The Gates of Life* (1908), *Lady Athlyne* (1908), *The Lady of the Shroud* (1909), *Famous Imposters* (1910), *The Lair of the White Worm* (1911), *Dracula's Guest* (1914).

Na fase atual da literatura de vanguarda (?), o Gótico tem uma enorme importância, porque é onde o onirismo atingiu um alto grau de aprofundamento, continuado no Policial, a Science Fiction e o Fantástico (principalmente num Ray Bradbury). Tôda a literatura dos próximos anos estava vinculada à excitação dos sentidos e fuga mais absoluta, pois apenas dessa maneira o Homem estará à margem dos fatos que evidenciam a prepotência e inconseqüência dos polos de decisão do planeta. Na medida em que êsses polos forem acumulando o poder de decidir a sobrevivência humana, e conseqüentemente irem se extinguindo as possibilidades de opção do Homem, pela inexistência de um poder coercitivo organizado, mais se acentuará a necessidade de evasão. A literatura do futuro será a de nossos fantasmas, e de nossos pavores, a de nossas mortes, a de nossa utópica pretensão de paz, a da tragédia da existência humana. O homem é feliz, apenas nos instantes em que consegue atingir a uma supra-realidade capaz de torná-lo insensível à sua existência. A literatura do futuro falará de nosso lento e tranqüilo envenenamento, e se ela conseguir fazer com que o Homem aceite, individualmente, a morte como um estado de impotência absoluta e final, terá atingido os seus objetivos.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- A.A.S. WIETEN — Mrs. Radcliffe. *Her Relation towards Romanticism* — Amsterdam — 1926.
- A. DOBSON — Horace Walpole — London — 1910.
- A.H. QUINN — Edgar Allan Poe — 1941.
- A.M. KILLEN — *Le roman terrifiant et le roman noir* — Paris — 1923.
- A. VIATTE — *Les sources occultes du romantisme* — Paris — 1928.
- CLAUDE ROY — *Arts fantastiques* — Paris — 1960.
- D. DAICHES — Robert Louis Stevenson — Norfolk — Conn. 1947.
- D.L. SAYERS — Wilkie Collins — London — 1941.

- D. LEE. CLARK — A Critical Biography of Charles Brockden Brown — Philadelphia — 1923.
- DEVENDRA P. VARMA — Gothic Flame — 1957.
- E.A. DAVIDSON — Poe, A Critical Study — 1957.
- EDITH BIRKHEAD — The Tale of Terror — London — 1921.
- EDWARD WAGENKNECHT — Cavalcade of the American Novel — 1952.
- EDWARD WAGENKNECHT — Edgar Allan Poe: The Man Behind the Legend — 1963.
- EINO RAILO — The Haunted Castle — 1927.
- ELIZABETH NITCHIE — Mary Shelley, Author of "Frankenstein" — 1953.
- ERNEST A. BAKER — History of the English Novel — Vols. IV e V. — 1934.
- F.R. SWINNERTON — Robert Louis Stevenson — A Critical Study — London — 1914.
- FRANZ HELLENS — (Pseudónimo de Franz van Ermenger) — *Realités Fantastiques* — 1923/31.
- G. BARTONE — Fra il voto e l'amore. Note critiche sul Monaco di Lewis — Napoli — 1908.
- G. CHAPMAN — Beckford — London — 1937.
- GROFF CONKLIN — The Supernatural Reader — Collier Books — New York.
- GUIDO CALOGERA — "Fantasia" e "Immaginazione" — Artigos para a Enciclopédia Italiana Treccani — Vol. XIV e XVIII — Roma — 1951.
- H. GARTE — Kunstform Schauerroman — Berlin — 1935.
- H.H. WAGGONER — Hawthorne, a Critical Study — 1955.
- H.R. WARFEL — Charles Brockden Brown — Gainesville — Fla. — 1950.
- HARRY LEWIN — The Power of Blackness — 1958.
- HOWAR ROLLIN PATCH — The Other World, according to descriptions in medieval literature — (El Otro Mundo en la Literatura Medieval) — Tradução de J. Hernández Campos e Maria Rosa Lida de Malkiel — México — 1956.

- HOWARD PHILLIPS LOVECRAFT — Supernatural Horror in Literature — A Study in English Gothic and Romantic Fiction — New York — 1945.
- I.A. STEWART — Robert Louis Stevenson, Man and Writer — London — 1924.
- J. BRAUCHLI — Der englische Schauerroman und 1800 — Zuerich — 1928.
- J.M.S. TOMPKINS — The Popular Novel in England, 1770-1800 — 1932.
- J.O. BAILEY — "What Happens in The Fall of the House of Usher?" — American Literature — 1964.
- J.M. OLIVER — The Life of William Beckford — Oxford — 1932.
- JAIME RODRIGUES — O Vampiro — Revista Diner's — Outubro de 1968.
- JAMES GEORGES FRAZER — The Golden Bough: A Study in Magic and Religion — London — 12 volumes — 1951.
- JAMES R. FOSTER — History of the Pre-Romantic Novel in England — 1949.
- JAMES TRAINER — Introduction to the Old English Baron — 1967.
- JOHN BERRYMAN — Introduction to The Monk — 1952.
- JOHN LIVINGSTON LOWES — The road to Xanadu; a study in the ways of imagination — Boston — 1930.
- JOHN K. REEVES — "The Mother of Fatherless Fanny" — English Literary History — 1942.
- JOSEPH M. GARRISON JR. — "The Function of Terror in the Work of Edgar Allan Poe" — American Quarterly — 1966.
- K. H. MEHROTRA — Horace Walpole — A Biography — London — 1940.
- K. ROBINSON — Wilkie Collins — London — 1951.
- KAREN BLIXEN — Syv fantastique fortoellinger (na versão inglesa: Seven Gothic Tales) — 1934.
- KENNETH CLARK — The Gothic Revival — 1950.
- KINGSLEY AMIS — New Maps of Hell — Victor Gollancz Ltd. — London — 1961.

- LESLIE A. FIEDLER — Love and Death in the American Novel — 1960.
- LIONEL STEVENSON — The English Novel: A Panorama — 1960.
- LOUIS F. PECK — A Life of Matthew Gregory Lewis — 1961.
- LOWRY NELSON JR. — "Night Thoughts on the Gothic Novel" — Yale Review — 1963.
- M. Mc LOREN — Stevenson and Edinbourg — London — 1951.
- MARIA LANGER — Fantasias eternas a la lauz del psicoanálisis — Editorial Nova — Buenos Aires — 1957.
- MARIO PRAZ — The Romantic Agony — 1933.
- MIRCEA ELIADE — Mythes, Rêves et Mystères — Paris — 1957.
- MONTAGUE SUMMERS — A Gothic Bibliography — 1941.
- MONTAGUE SUMMERS — The Gothic Quest — 1938.
- N. IDMAN — Charles Robert Maturin — Oxford — 1923.
- NELSON BROWNE — Sheridan Le Fanu — 1951.
- OTTO MARIA CARPEAUX — História da Literatura Ocidental — Edições O Cruzeiro — 1966.
- OTTO MARIA CARPEAUX — As Origens do Policial — Livro de Cabeceira do Homem — Editôra Civilização Brasileira — 1968.
- P. PENZOLDT — The Supernatural in Fiction — The English short story of the supernatural — London — 1952.
- P. YVON — Horace Walpole — Paris — 1924.
- PATRICIA M. SPACKS — The Insistence of Horror: Aspects of the Supernatural in Eighteenth Century Poetry — 1962.
- R. ASHLEY — Wilkie Collins — London — 1952.
- R. W. KETTON-CREMER — Horace Walpole — A Biography — London — 1940.
- R.H. FOGLE — Hawthorne's Fiction — The Light and the Dark — 1952.
- RANDALL STEWART — Nathaniel Hawthorne — 1948.
- RICHARD CHASE — The American Novel and Its Tradition — 1957.

- ROBERT AMADON e ROBERT KANTERS — Anthologie Littéraire de L'occultismo — Paris — 1950.
- ROBERT D. MAYO — "The Gothic Short Story in the Magazines — Modern Language Review — 1942.
- ROBERT D. MAYO — The English Novel in the Magazines — 1740-1815 — 1963.
- ROBERT DONALD SPECTOR — English Literary Periodicals and the Climate of Opinion During the Seven Years' War — 1966.
- ROBERT DONALD SPECTOR — Introduction to Frankenstein — 1967.
- ROBERT DONALD SPECTOR — Introduction to Seven Masterpieces of Gothic Horror — Bantam Books — 1970.
- S.D. NEILL — A Short History of the English Novel — 1952.
- THOMAS STEARNS ELIOT — Wilkie Collins and Dickens — Selected Essays — 2^o ed. — London — 1941.
- V.C. FURNAS — Voyage to Windward — The life of Robert Louis Stevenson — London — 1952.
- W. SCHOLTEN — Charles Robert Maturin — The Terror-Novelist — Amsterdam — 1933.
- W. SYPHER — Social Ambiguity in a Gothic Novel — (Prtisan Review — XII/1) — 1945.
- WILBUR L. CROSS — The Development of the English Novel — 1911.
- WILMARTH S. LEWIS — Horace Walpole — 1961.
- WILMARTH S. LEWIS — Introduction to The Castle of Otranto — 1964.

ESPECIAL



A ASSISTÊNCIA TOTAL: “MENDES PIMENTEL”

Um universitário enfrenta sérios obstáculos em sua vida estudantil. São dificuldades financeiras, problemas com a saúde e dezenas de outros parecidos. Então, de nada lhe adianta apegar-se aos livros, pois faltam condições primordiais a um total rendimento. E por isto que atualmente se tem dado relevante atenção ao setor da assistência ao estudante, no seu mais amplo sentido, não se cogitando mais do aluno em sua forma mais simples: assistindo às aulas, perguntando, fazendo provas.

A Universidade moderna procura dar-lhe condições de realizar seus estudos, para que, futuramente, possa realizar-se e completar-se no atendimento aos outros estudantes que se encontrarem em situação análoga. A Universidade Federal de Minas Gerais, como não poderia deixar de ser, acompanhou esta tendência moderna e para atender ao seu corpo discente nas situações inicialmente referidas, criou um órgão especial, que tem a sua história. Conheça a Assistência aos Universitários Mendes Pimentel.

Para começar (tudo tem comêço e fim), o fim, neste caso, é o objetivo. Na Assistência aos Universitários Mendes Pimentel o trabalho começou há tempos — em 1936 — realizado por um órgão da UFMG. Aí tiveram início suas atividades, já no esquema atual: amparar o aluno que precisava e merecia ser amparado. Depois, por uma série de circunstâncias entre as quais a falta de recursos, esteve paralizada, vindo a trans-

formar-se em fundação em 1966. Começou então, novamente, seu trabalho de assistência ao aluno da UFMG, ampliando cada vez mais seu campo de atuação.

Atualmente presta ao estudante assistência médica, odontológica, social e financeira, além de realizar o importante trabalho de supervisão e administração de sete restaurantes da UFMG. Sua atuação divide-se por quatro grandes setores: Divisão de Bem-Estar — responde pela assistência social, con-substanciada pela concessão de empréstimos para compra de material escolar, amparo financeiro e tratamento de saúde, concessão de bôlsas de alimentação e isenção do pagamento da anuidade escolar, em casos de comprovada necessidade.

Divisão de Alimentação — encarregada do contrôlle dos restaurantes em funcionamento na UFMG, em regime de subordinação à AUMP, contando com o trabalho de vários técnicos no assunto. Já a Divisão de Relações procura abrir novas frentes de trabalho para os estudantes, mantendo, atualmente, os seguintes programas: encaminhamento a aulas particulares e em colégios, além de propiciar estágios em empresas. A Divisão de Saúde mantém gabinetes médicos e odontológicos na própria sede da AUMP e nas Escolas de Engenharia, Faculdade de Odontologia e Escola de Veterinária.

A Mendes Pimentel olha também pelo setor intelectual. A entidade está concedendo os prêmios para os primeiros colocados no concurso desta Revista, estimulando o estudante a exercitar sua capacidade criativa e assistindo-o, assim, naquilo que a agitação do mundo moderno deixou um pouco marginalizado: o culto do espírito. Assim, a Assistência aos Universitários Mendes Pimentel vai ampliando seu trabalho, procurando sempre aprofundar-se no que é sua própria essência: o estudante da UFMG.

Maria Beatriz Chaves Araújo.

RELAÇÃO
DOS
TRABALHOS
RECEBIDOS

CONCURSO DE CONTOS E POESIAS

O Serviço de Relações Universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu êste ano, para o VI Concurso de Contos e de Poesias da Revista Literária do Corpo Discente, 325 trabalhos — 68 contos e 257 poesias.

Os trabalhos foram enviados por 161 estudantes de dezoito unidades da UFMG, universitários e colegiais, e por mais dois estudantes de outras escolas: êstes, por imposições regulamentares, não puderam participar do concurso e tiveram seus trabalhos devolvidos.

Até 1971, a Revista Literária recebeu 1.606 trabalhos literários para seus seis concursos: em 1966, 164 trabalhos — 18 contos e 146 poesias; em 1967, 255 trabalhos — 57 contos e 198 poesias; em 1968, 169 trabalhos — 38 contos e 131 poesias; em 1969, 341 trabalhos — 76 contos e 265 poesias; em 1970, 352 trabalhos — 131 contos e 221 poesias; em 1971, 325 trabalhos — 68 contos e 257 poesias.

Os 161 alunos da UFMG que enviaram trabalhos literários em 1971 são das seguintes unidades: 39 da Faculdade de Direito; 31 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; 19 da Faculdade de Letras; 12 da Faculdade de Ciências Econômicas; 10 do Instituto de Ciências Exatas; 8 da Faculdade de Educação; 8 do Instituto de Ciências Biológicas; 7 da Escola de Engenharia; 6 da Faculdade de Medicina; 4 da Faculdade de Odontologia; 3 da Escola de Veterinária; 3 da Escola de Biblioteconomia; 2 do Centro Pedagógico; 2 da Escola de Arquitetura; 2 do Curso de Formação de Atôres/Teatro Universitário; 2 da Escola de Belas Artes; e um da Escola de

Educação Física, do Conservatório de Música e do Instituto de Geo-Ciências.

Os trabalhos devolvidos foram de dois estudantes de outras escolas: um da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte e um da Universidade do Nordeste Mineiro.

Os contos e poesias não classificados já foram devolvidos a seus autores.

A relação dos 325 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1 — Eu Sei Disso e Posso...	Gasmairano
2 — Vocês Ainda Não Viram Nada	Munhoz (2º lugar)
3 — Reminiscências de um Bacharel	Dom Casmurro
4 — Retratos	Cisne
5 — Os Dentes Virgens dos Anjos	Bosch
6 — Inverno e Vânia	Bosch
7 — Ronda	Yin (<i>M. Honrosa</i>)
8 — Imenso, Cego, Brutal	Gregorius (1º lugar)
9 — Câncer	Eu
10 — Olhem Para Mim	Sitra
11 — Bhei	Sitra
12 — Concerto em Sol	José da Silva
13 — O Cão	Manuel
14 — O Menino e o Pai	Madu
15 — A Criança Só, e a Criança e o Cão	Karlo
16 — João e Maria	Carlos Durant
17 — Um Conto	Doroteu
18 — O Crime da Rua J. Eugênio	Pintassilgo
19 — Coisinha	El Badão
20 — A Sombra do Peralva	I. W. Carver
21 — Poeta-Escritor	Gordo
22 — Um Certo Sábado Deserto	Gordo
23 — O Dia de Joel	Joel
24 — Minha Praia	Lailez
25 — Moloc — Devorador de Homens	Murdock
26 — Incurável	Murdock
27 — Candro	Sack
28 — Referência	Sack (<i>M. Honrosa</i>)

29 — Maria	Ignotus
30 — Es-Corrída	Bas
31 — Zé Mamãe	Amlid Siarom
32 — O Livro	Antonietta Petrarca
33 — Cinco e Meia	Teocléia
34 — Zoológico	Keaton
35 — O Professor	Cosmos
36 — Viagem	Esau Garcia
37 — Cidade 288	Giacamon
38 — Os Antípodas Xifópagos	Ivan Korsakoff
39 — Cérebro Cozido	Ivan Korsakoff
40 — O Espermatozóide Distraído	Ivan Korsakoff
41 — Caminhando	Tê
42 — Lâmina 001	Tê
43 — Descoberta	Tê
44 — Luta	Júlio Botelho
45 — O Jogador	Edgar Dumont
46 — O Louco	Augusto Frank
47 — Ilusões de Maria Pêzinho	Zeth
48 — Daqui a Dez Anos	Oliveira (<i>M. Honrosa</i>)
49 — Estive Observando uma Árvore do Pátio	Luizeu Luizei
50 — Tôrre de Vigia	Rodox Covardia
51 — O Lobisomem	Xy
52 — A Paz	Xy
53 — As Flôres do Mundo	De Tal
54 — Solidão	Riosmara
55 — O Velho, de Partida	Josephine (<i>M. Honrosa</i>)
56 — Uma vez no Sótão.	Josephine (3º lugar)
57 — Senhor Pardal e a Dama	Demas
58 — A Teoria e o Valor Dois	Demas
59 — O Encontro	Z
60 — Uma Ponte s/ o Rio	Gui
61 — Volta Hésura	Gueulá
62 — Canto da Paz	Paz
63 — Relatório	Demo
64 — Km 431	Elef
65 — Estertor	Franz Eternitas
66 — Memórias de Depois da Página	Jago
67 — Cinzas	Agata
68 — O Poeta Anônimo	Agata

POESIAS

TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1 — Passa-Mão	Homem do Morro
2 — Trilogia da Frustração	Trovador do Vale
3 — A Estrêla	E.C.M.
4 — A Gonçalves Dias	E.C.M.
5 — Três	Gasmairano
6 — Passagem	Peter
7 — Cidades do Interior	E.C.M.
8 — Visita ao Velho Cérebro	Teózito
9 — Doce Realidade	Teózito
10 — Ode a Minas Gerais	Rouxinol da Mata
11 — Visão da Paz	Rouxinol da Mata
12 — Algumas Considerações Sobre o Médo	Eg
13 — Das Ações & A Bôlsa	Zag
14 — Ontologia do Diálogo — Verdade e...	By-Br
15 — Ontologia do Diálogo — Olhar e Invocação	By-Br
16 — Mil Novecentos e Setenta e Um	Zar — el
17 — Meu Amigo	Zar — el
18 — Notas	Zar — el
19 — Habeas-Corpus	Zar — el
20 — Passos	Zar — el
21 — Vermelho e Verde	Zar — el
22 — Os Livros Antigos	Zar — el
23 — Sábado	Zar — el
24 — Meu Nome Teu Nome	Zar — el
25 — Penúltimo Quadrinho	Zar — el
26 — Fase I	Fase I (<i>M. Honrosa</i>)
27 — Maria	Prometeu
28 — Inútilmente	Prometeu
29 — Estação das Flores	Prometeu
30 — Vivo... Desejo	Prometeu
31 — Não Acredito	Prometeu
32 — No Fim	Honey
33 — Conscientização	Honey
34 — Elegia	Honey
35 — Des...en...canto	Honey
36 — Natsó	Honey
37 — O Tempo e a Memória	Lançarote do Lago
38 — Instabilidade	Lançarote do Lago

39 — Poema do Falso Carlos Drumond de Andrade	Lançarote do Lago
40 — Criança Coragem	Shybill
41 — Passagem nº 8	Shybill
42 — L'Esprit de L'Enfant	Shybill
43 — Breve	Shybill
44 — Criação	Shybill
45 — Apologia dos Comos, Porques e outras	Tatuíra
46 — Fotografia ou o Humus Sapiens	Chel eco
47 — Espelho Mágico	Chel eco
48 — Fisionomia Lunar	Chel eco
49 — Parceira	Trimans
50 — Direções Várias	Trimans
51 — Um Dia, Eu	Eu
52 — O Rio	Amaro
53 — Ângela	Amaro
54 — Estrélas	Amaro
55 — A Pecadora	Tomás A. Anunciação
56 — Perspectiva Sobre o Dentro de um Retrato	Azor (1º lugar)
57 — Ela	Iner Otrebor
58 — Fruto de Verão	Jaú
59 — O Bêbado	Jaú
60 — A Noite	Jaú
61 — Deus	Jaú
62 — Da Mão Que Arrebatou o Céu e Colocou...	Yuri
63 — Do Estado de Atropelamento...	Zoah
64 — Poema Sobre a Mesa	Zoah
65 — Tempo	Madu
66 — Dissonância	Madu
67 — Freud	Corujinha
68 — Poesia Apenas	Corujinha
69 — Desaponto	Corujinha
70 — Mim	Corujinha
71 — Nuvem Diluída	Corujinha
72 — Sá Marina	Corujinha
73 — Ego	Corujinha
74 — Superstição	Corujinha
75 — Gêmeos	Corujinha
76 — Poeira	Corujinha
77 — Hora Certa	Corujinha
78 — Tempo Dois	Teúcha

79 — Regresso	Teúcha
80 — Pesadêlo	Teúcha
81 — O Homem, o Cão... e a Vida	Teúcha
82 — Ruas	Teúcha
83 — Filosofia do Restaurante ou...	Pedro Drumond
84 — Amor de Poeta	Lyra
85 — Recanto do Mar	Lyra
86 — Em Trânsito	Alba
87 — Rotina	Alba
88 — Dez Minutos de Um Sonho	Alguém
89 — Lirismo Descorado	Alguém
90 — Tempo	Alguém
91 — A Vida	Alguém
92 — Desumanização	Frei Aber Emsam
93 — Resignação	Frei Aber Emsam
94 — Poema das Instituições	Zátilla (<i>M. Honrosa</i>)
95 — Busca	Guy
96 — Dois Rostos	Guy
97 — Metamorfose	Guy
98 — Ir Ficando	Guy
99 — ... (Sem título — I)	MMBS — 46
100 — ... (Sem título — II)	MMBBS — 46
101 — ... (Sem título — III)	MMBBS — 46
102 — Luz Morta	I. W. Carver
103 — Ser-se	HTEB
104 — Poema de Amor Metafísico	Nenéia
105 — A Mulher	Belial
106 — Silhueta	Murdock
107 — Exclusão	Murdock
108 — Poema da Procura	Murdock
109 — Rima, Pobre Rima	Murdock
110 — Percepção	Murdock
111 — Homenéia	Jacutinga
112 — Cronologia	Jacutinga
113 — Prefácio Final	Jacutinga
114 — Autofotografia nº 2	Jacutinga
115 — Autofotografia nº 5	Jacutinga
116 — Autofotografia nº 6	Jacutinga
117 — Autofotografia nº 7	Jacutinga
118 — Autofotografia nº 8	Jacutinga
119 — Lamentações Proféticas	Jacutinga
120 — Lasthimen	Ballet
121 — Guarda-me, Césamo	Ballet

122 — Ex ...ex...periência	Ballet
123 — Frontespício	Ballet
124 — Soluçante	Ballet
125 — A Procura	Montez Valente
126 — Homem, Espaço, Linha	Neodynirum de Castro
127 — A Morada de Um Dia	K. Lê Mano
128 — Viagem	K. Lê Mano
129 — Homens de Negócio	K. Lê Mano
130 — Na Tarde	K. Lê Mano
131 — Da Importância do Momento ou Busca...	Krisuna
132 — Aos Fugitivos	Amlid Siarom
133 — No Meio do Tempo	Zacarias
134 — Recordações	Lalado
135 — Escala	Malsa
136 — De Um Pensador à Soleira da Porta	Arjunna
137 — Fructus I	Rilk
138 — Fructus II	Rilk
139 — Convergência	Omega
140 — Primavera	Vasco de Coimbra
141 — Lupa	Von Sydon
142 — Vácuo	Von Sydon
143 — Plata Forma	Two Two Two
144 — Reflex	Teocléia
145 — Roteiro	Teocléia
146 — Transferência	Teocléia
147 — Ode nº 1	Teocléia (<i>M. Honrosa</i>)
148 — Relativismo 1	Teocléia
149 — O princípio do Fim?	Zé Bum
150 — Carta à Rosinha	Di Moraes
151 — Comédia	Cosmos
152 — Imagem	Cosmos
153 — Favela	Cosmos
154 — Cruza	Cosmos
155 — Canto	Cosmos
156 — A Hora	Serah Nil
157 — Conflito	Serah Nil
158 — Para Aquêles Que Pregam o...	Madu
159 — Fim de Linha	Madu
160 — Poeta Triste	Libório Natércio

161 — O Grande Dia	Libório Natércio
162 — Sansara	Libório Natércio
163 — Consciência de Espécie	Libório Natércio
164 — Eu Sei	Wineton
165 — Alguns Poemas Recolhidos de...	Enusiano
166 — Mulher e Mundo	Pablo
167 — A ponta e o Espaço	Pablo
168 — Matem "Pedro Pedreiro"	Kbalus
169 — Continuo Andando	Cesário IV
170 — Um. Dois. Três	Cesário IV
171 — 8 Tempos de Rosa-Flor	Erre
172 — Hominus Homem...	Luma
173 — Retrato Antigo	Luma
174 — Imagem Simples	Luma (3º lugar)
175 — Um. Meu Dia	Madame X-4
176 — Mistura Fina	Misfi
177 — Espantalho Para Dentro e Para Fora	Epadepof
178 — As Musculaturas do Arco do Triunfo	Zarvas
179 — Soneto	Uly
180 — Há Uma Cadeira Vazia	Uly
181 — Cuidado. Na Rosa Há Espinhos	Alemão
182 — Como a Solidão e o Caixão se...	Alemão
183 — Os Peitos de Suzana	Tito
184 — De Composição	Tito
185 — Oração	Tote Alvi
186 — Interrogação	Tote Alvi
187 — Um Dia e a Vida	Tote Alvi
188 — Segmento	Tote Alvi
189 — Ela	Tote Alvi
190 — Alucinação	Tote Alvi
191 — Da Lembrança	Cascaru
192 — De Noite	Bolteira
193 — Lugar Comum	Zooléia
194 — Imagem	Zooléia (M. Honrosa)
195 — Vestígio	Zooléia
196 — Ciência	Zooléia
197 — Pequena Elegia Para Inês de Paiva	Zooléia
198 — Poema de A(mor-Te)mpo	Zolaia
199 — Hiroshima	Zolaia

200 — O Momento	Liv
201 — Comunicação	El Al
202 — Lá Em Cima	Rhaviz
203 — Véspera	Modok
204 — Sôbre a Caminhada Que Um Dia Se Fêz	Vandur
205 — Passagem	Miggs
206 — Consciência	Miggs
207 — O Pescador	Miggs
208 — A Festa da Mulher do Mar	Gueulá
209 — Incerteza	Gueulá
210 — Não Existir	Gueulá
211 — Tempo	Gueulá
212 — Cisne	Gueulá (<i>M. Honrosa</i>)
213 — Concretização	Teobaldo
214 — Concêrto Aquático	Zó
215 — Landão Landão	Cão
216 — O Ideal dos Corações de Ouro	Shangrilano
217 — Constatação	Maria
218 — Poema da Inútil Utilização	Maria (<i>2º lugar</i>)
219 — Você	Piu
220 — Futural	Piu
221 — Sem Título (Balança...)	Piu
222 — Sem Título (Revolta...)	Piu
223 — Sem Título (Reveillon...)	Piu
224 — Moto-Vida	Piu
225 — Fixsonho	Piu
226 — Idas	Piu
227 — Gestos	Piuca
228 — Você	Piuca
229 — Procura	Piuca
230 — Sem Título (Água e Água...)	Piuca
231 — De Momento	Piuca
232 — La Vita E mobile	Romi
233 — Passando	Romi
234 — Perdidos e Achados	Romi
235 — Criando	Romi
236 — De Flor	Romi
237 — Fiat Lux	Romi
238 — Constatações (Em Tempo de Mágoa)	Romi

239 —	Pequeno Retrato de Gente	Romi
240 —	O Amor das Imagens e das Côres	Jumapa
241 —	Ex Post	Jessé Condê
242 —	Introspectiva	Jotapê
243 —	Ternura	Ivon
244 —	Ciclo	Ivon
245 —	A Pedra Clara	Ivon
246 —	Tombo Atômico	Ivon
247 —	Caminhada Inútil	Ivon
248 —	A Morte Consciente	Ivon
249 —	Velhice	Dorinha
250 —	Prostituição	Dorinha
251 —	Submundo — ou — Abstração da Realidade	Toninho
252 —	Bela Adormecida	Marinheiro
253 —	Hic Et Nunc	Marinheiro
254 —	Poema	Marinheiro
255 —	Lamento de Belo Horizonte	Marinheiro
256 —	Promessas	Marinheiro
257 —	Jornada do Homem Só	Zamenhof

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- «Advogados» — Órgão Oficial da Ordem dos Advogados do Brasil — MG
Ano I, nº 1 — 1971 — Belo Horizonte — Minas Gerais
- «Revista Literária» — Año 5 — nº 29 — Abril de 1971 — Apartado
Nacional 2524 — Medellín, Colômbia
- «Philologica Pragensia» — Acadêmia Scientiarum Bohemoslovaca nº
14 — 1971 — Lilliová 13 — Praga — Tchecoslováquia
- «Courier du Centre Intertional D'Études Poétiques» — Maison Interna-
tionale de la Poesie — números 81 a 85 — 1971 — Boulevard de
l'Empereur, 4 — Bruxelles — Belgique
- «Revista do Instituto do Ceará» — nº 87, 1969 — Rua Barão do Rio
Branco, 1594 — Fortaleza — Ceará
- «Colóquio Letras» — Revista de Artes e Letras da Fundação Calouste
Gulbenkian — nº 1, março de 1971 — Avenida de Berna, Lisboa
— Portugal
- «Critério — Revista Universitária de Cultura» — Nos. 8 e 9 — S.
Gabeto, 401 — Asunción — Paraguay
- «El Chucaro — Periodico Literario Y Cultural» — Casila de Correo, 53
— Paysandú — Uruguay

ALGUMAS CRÍTICAS À REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

CARTAS

«Agradeço-lhes...êles são um proveito e um deleite. Parabéns.»

Débora de Araújo Moreira — Belo Horizonte — Minas Gerais

«Recebemos... achamos muito bom e bem apresentado. Recebam os nossos agradecimentos».

James Buchi — Cônsul da Suíça — Belo Horizonte — Minas Gerais

«... e aproveito a oportunidade para agradecer a direção da revista o envio das publicações que cada vez são melhores».

Paulo Sérgio Saturnino — Belo Horizonte — Minas Gerais

«... RL nº 5, que a cada dia está melhor».

Ivan Lage — Belo Horizonte — Minas Gerais

«... excelente revista, que agradecemos».

João Antônio de Paula — Belo Horizonte — Minas Gerais

«... substancial Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, valiosa publicação que traduz um esforço perfeccionista realmente meritório».

Odelmo Teixeira Costa — Secretário de Estado da Segurança Pública de MG — Belo Horizonte — Minas Gerais

«O volume nº 5 da Revista Literária, será mais uma valiosa obra a ser acrescida ao acervo da nossa Biblioteca».

Cel. Av. Rubens Carneiro de Campos — Lagoa Santa — Minas Gerais.

«... Revista nº 5 está ótima.»

Célia Tavares Fialho — Belo Horizonte — Minas Gerais

«... endereçamos cumprimentos à direção dessa conceituada Revista pela excelente equipe de colaboradores.»

Governador Eng Colombo Machado Salles — Florianópolis —

«... magnífica revista».

Fernando Guimarães — Porto — Portugal

«Tive a oportunidade de ... e fiquei impressionada com o alto conteúdo literário desta revista».

Angelina Toledo — Belo Horizonte — Minas Gerais

«... parabenizar a comissão da excelente Revista que reúne a nova geração de escritores brasileiros. A extraordinária apresentação, a par de tão bem escolhido conteúdo, fazem com que a obra seja realmente merecedora de encômios de todos aqueles que têm o privilégio de recebê-la. Vários amigos manifestaram o desejo de participar da leitura da Revista».

Sólon Emanuel do Rêgo Santos — Gabinete do Ministro do Exército — Brasília.

«... suas publicações estão cada vez melhores — conteúdo dos mais interessantes, apresentação gráfica primorosa, ilustrações extraordinariamente bem feitas, uma obra digna dos maiores elogios. Parabéns».

Neusa Maria Spaccasassi — São Paulo — São Paulo

«... nenhuma palavra dirá melhor do que «ótimo», para qualificá-la. Surpreendeu-nos, sobremaneira, a parte poética, tão pouco conhecida em nossas plagas sulinas.»

Benedito Narciso da Rocha — Presidente da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade — Criciúma — Santa Catarina

«... levar o meu aplauso para a excelente promoção... Já era tempo de, no Brasil, amparar a inteligência popular...»

José Marcos — Sabará — Minas Gerais

«... da Revista Literária, excelente como sempre. Obrigado.»

Joaquim de Montezuma de Carvalho — Seção Ibero-Americana da Biblioteca Joaquim de Carvalho — Lourenço Marques — Moçambique

«... trata-se, na verdade, de excelente revista, que vem enriquecer o acervo de nossa Biblioteca, possibilitando-nos contacto mais direto com a intelectualidade mineira.»

Sérvio Carlos Covello — Academia Cristã de Letras — São Paulo — São Paulo

JORNALIS

«A Revista Literária do Corpo Discente da UFMG nasceu há pouco tempo e vem cumprindo brilhantemente sua missão. Agora, quando aparece o seu número 5, conta ela com cinco anos de existência no ambiente universitário-intelectual de Minas e do Brasil. É uma publicação que tem merecido o apoio dos universitários. Basta dizer que, no seu último concurso, recebeu, dentre dezessete unidades universitárias, trabalhos de cento e cinco universitários, somando 131 contos e 221 poesias. É um periódico que tem muito de bom, de jovem e de conteúdo daqueles que fazem suas experiências e se lançam aos concursos procurando mostrar o que de bom têm para dar.

Sua comissão diretiva, desde o primeiro número, vem sofrendo mudanças. No início contava-se Luís Vilela, Luiz Gonzaga e Plínio Carneiro. Hoje são outros na direção. Continua o último e aparecem ao seu lado: Dúlio Gomes e Walden

Camilo de Carvalho, que julgam e apreciam os trabalhos que são enviados à Revista. Além deles, vem o trabalho de ilustração a cargo dos alunos do Curso de Especialização em Desenho, da Escola de Belas Artes da própria UFMG.

A Revista no seu número 5 apresenta trabalhos premiados de Jaime Prado Gouveia — «Lá pelas Oito» — Contos; de Odilon de Machado Júnior: «Cavalo em Azul» — Contos; de Luiz Márcio Ribeiro Viana: «Aurea, alma e o Nosso Sorriso» — 1º lugar — Poesia; de Adão Ventura Ferreira Reis: «A Propósito de Algumas Fases do Tratamento Dentário» — 2º lugar — Poesia; além de trabalhos escolhidos de: Ronaldo C. Camargo: «Diálogo»; Magda Frediani Martins: «Do Filho Pródigo: Pouso e Fuga»; Jäder Martins: «Do Objeto Feito para Colocar Cinzas»; Osvaldo A. Ferreira da Cunha: «Beladona»; Marcus Diniz Mundim: «Faróis». E muitos outros trabalhos publicados.

E bom que se conheça esta Revista para se constatar o seu valor, utilidade para aqueles iniciantes na arte literária e que, muitas vezes, não têm onde publicar os seus trabalhos.

Galenio Germano Alves — Jornal «Minas Gerais» — 25 de maio de 1971 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

«...os contos e poesias aparecem ilustrados por bico de pena, por sinal magistrais, entre os quais o da página 11. Entre os contos, destacamos Casamento na Roça, de Plínio Carneiro. Há um ensaio de longo fôlego sobre ficção científica, da autoria de Walden Carvalho, o qual parece ter esgotado o assunto, através de uma bem documentada bibliografia... a parte de crítica sobre a revista registra apenas pontos louváveis... Em suma, a Revista é bem redigida, apresentando espírito de renovação, de esforço e de esperança na nova geração de escritores que vão consagrando o cenário literário do Brasil. Nossos parabéns para a Revista... nossas boas vindas com a esperança de que a notável publicação cresça servindo sempre ao mundo das letras de Minas Gerais e do Brasil inteiro. Parabéns pois.»

José Pedro Miranda — Coluna «Atividades Culturais» — jornal «A Cidade», de 16 de maio de 1971 — Ribeirão Preto — São Paulo

«Já saiu a Revista Literária da UFMG, nº 5. Artigos escritos por professores e alunos da Universidade. Vale a pena ler.»

Coluna «Notas do Dia» — jornal «Estado de Minas» — 11 de maio de 1971 — Belo Horizonte — Minas Gerais

«...a RL institui concursos de contos e de poesias, publicando, ainda, matéria da melhor qualidade, escrita por jovens que poderão vir a ser os grandes nomes das letras no Brasil, já que Minas Gerais sempre foi um fecundo berço de grandes escritores. Parabéns à rapaziada da UFMG.»

Coluna «Lançamentos» — jornal «Diário de Notícias» — 23 de maio de 1971 — Rio de Janeiro — Guanabara

«... Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, com muita gente de talento dentro...»

Coluna «Gente, Livros & Bichos» — Lúcia Machado de Almeida — jornal «Estado de Minas» — 11 de julho de 1971 — Belo Horizonte — Minas Gerais

«... Revista Literária...em moderna apresentação gráfica...»

Suplemento Literário — Jornal «O Estado de São Paulo» — São Paulo — São Paulo

*Esta Revista foi composta e impressa nas oficinas
gráficas da Imprensa da Universidade Federal
de Minas Gerais, na Cidade Universitária, Belo
Horizonte, Minas Gerais, Brasil, em março de 1972
44º ano da fundação da UFMG.*

REGULAMENTO DA REVISTA

- 1 — A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais tem por finalidade a publicação de trabalhos literários dos alunos da UFMG;
- 2 — A Revista será editada anualmente pelo Serviço de Relações Universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais;
- 3 — A Revista será dirigida por uma comissão nomeada pelo chefe do Serviço de Relações Universitária da UFMG;
- 4 — Não serão aceitos os trabalhos de cunho político-partidário e os de temas ofensivos à moral e à religião;
- 5 — Será organizado, anualmente, um concurso de contos e de poesias, com prêmios aos três primeiros colocados e com a publicação dos melhores trabalhos na Revista;
- 6 — Poderão participar do concurso os alunos regularmente matriculados nas unidades universitárias e colegiais da Universidade Federal de Minas Gerais.

As ilustrações dos trabalhos classificados foram feitas pelos alunos do Curso de Especialização em Desenho da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do professor Alvaro Brandão Apocalypse.

Os desenhos são de autoria de Ana Raquel Máximo Pereira, Delane Rosa Teixeira, Erenice Picinin, Ivone Luzia Vieira, Jan Deckers, Leila Pontes de Albuquerque, Marcília Luciano Azevedo, Maria Cristina Ferreira de Melo, Maria Valéria Fleury Amado Henriques, Marisa Santos de Castro Ferrari, Vânia de Campos Menezes e Verônica Botelho Pinto.

As ilustrações da Segunda Seção foram feitas pela desenhista Erli de Oliveira Fantini Chachan, da 4ª série do Curso de Especialização em Desenho da Escola de Belas Artes da UFMG.



Enderêço para correspondência:

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

Caixa Postal, 1.621

CIDADE UNIVERSITÁRIA — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL